

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**REFLEXÃO SOBRE QUESTÕES DE TRADUÇÃO DA
OBRA**

***FEMINIST THEORY FROM MARGIN TO CENTER, DE
BELL HOOKS***

HELENA ISABEL BARBOSA SILVEIRA

Trabalho de projeto orientado pela Prof.^a Doutora Madalena Colaço, especialmente elaborado para a obtenção do grau de Mestre em Tradução

2018

A woman must have money and a room of her own if she is to write fiction.

Virginia Woolf (1929)

(...) our speaking out will permit other women to speak, until laws are changed and lives are saved and the world is altered forever.

Audre Lorde (1984)

A world of happier men and happier women who are truer to themselves. And this is how to start: We must raise our daughters differently. We must also raise our sons differently.

Chimamanda Ngozi Adichie (2015)

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Doutora Madalena Colaço, minha orientadora, que, apesar de me encontrar distante fisicamente, me auxiliou e guiou neste processo. Pelas dicas e conselhos relativamente à tradução e ao projeto. Por toda a disponibilidade, simpatia e compreensão.

À Prof.^a Doutora Sara Mendes, minha professora e diretora de mestrado, que desde o início se mostrou disponível e acessível a qualquer questão e cuja simpatia me fez sentir em casa.

A todos os professores do Mestrado de Tradução, que, de alguma maneira, enriqueceram o meu percurso académico.

A todos os meus colegas de turma e de trabalho, pela partilha de experiências, conhecimentos e, também, pelos momentos de descontração.

Aos meus pais, que me fizeram a mulher independente que sou hoje, e que estão sempre ao meu lado a guiar-me pelas etapas boas e más da vida, sem esperarem nada em troca a não ser a minha felicidade. À tia Casimira e ao tio Quim, que me deram e dão amor de pais. Ao tio Nelson, por ter tido a paciência e disponibilidade de ler a obra na íntegra e pela sabedoria e experiências que transmite. À tia Céu, à Daniela e à Regina, que lutaram e continuam a lutar como verdadeiras “supermulheres” contra as adversidades da vida. À minha irmã, por ser a pessoa que me faz sair da minha área de conforto, que me faz ser melhor e por ser o meu primeiro exemplo de feminista. Sem ela eu seria uma versão medíocre de mim mesma. À minha avó.

A todas as mulheres que marcaram a minha vida.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os problemas e questões que surgiram ao longo da tradução da obra de bell hooks, *Feminist Theory from margin to center*. Esta tradução insere-se no Trabalho de Projeto realizado para a conclusão do Mestrado de Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Primeiramente, procedeu-se à tradução integral da obra de bell hooks, seguidamente, procedeu-se à elaboração de um glossário e, posteriormente, elaborou-se o relatório de projeto. Este relatório está dividido em quatro grandes secções que posteriormente se dividem em subsecções.

Na primeira secção, está presente uma breve biografia da autora, bell hooks, elaborada para efeitos deste relatório. Na segunda e terceira secções deste relatório, foram analisados alguns aspetos relativos ao tradutor e ao seu papel e aspetos que influenciaram a tradução deste livro. A segunda aborda a questão dos tipos e géneros textuais e a terceira é dedicada ao tradutor e às suas tomadas de decisão. Na quarta secção, foram analisados os problemas encontrados ao longo da tradução, nomeadamente, os aspetos lexicais, em que se destacou a marcação de género em expressões nominais, os aspetos de textualidade, alguns aspetos culturais, os procedimentos de tradução, a tradução de citações, a atualidade da obra e a sua influência na tradução e, por fim, a utilização de notas de rodapé pelo tradutor.

Encontra-se anexo ao relatório um glossário elaborado no contexto da tradução, construído de forma a uniformizar os termos especializados encontrados na obra.

Palavras-chave: tipologia textual, marcas culturais, aspetos lexicais, marcação de género

ABSTRACT

This work aims to discuss the problems and issues that occurred in the translation of the work by bell hooks, *Feminist Theory from margin to center*. This translation is integrated in the Work of Project carried out for the conclusion of the Master's degree in Translation of the Faculty of Letters of the University of Lisbon.

Firstly, I have translated the work by bell hooks in its fully extent. Subsequently, I have elaborated a glossary, and, finally I carried out writing the translation report. This report is divided in four main sections that are subsequently divided into subsections.

In section one, we can find a short biography of the author, bell hooks, written for this report. In sections two and three of this report, I analyze some aspects related to the translator and the decisions that he or she must make, and the way these aspects have influenced the translation of this book. Section two regards text types and genres and section three regards the translator and the decisions he or she must make. In section four, I have analyzed the problems that were found throughout the translation, namely, the lexical aspects, in particular the gender specification in nominal expressions, the textual aspects, the cultural aspects, the translation strategies, the translation of quotations and, finally, the footnotes added by the translator.

Attached to the report is a glossary elaborated during the translation in order to uniform the specialized terms found throughout the book.

Key-words: text type, cultural aspects, lexical aspects, gender specification

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	v
RESUMO.....	vii
ABSTRACT	ix
ÍNDICE.....	xi
INTRODUÇÃO	1
1. BREVE BIOGRAFIA DA AUTORA E CARACTERIZAÇÃO DA OBRA <i>FEMINIST THEORY FROM MARGIN TO CENTER</i>	3
2. TIPOLOGIA E GÊNEROS TEXTUAIS	4
2.1. Género textual	5
2.1.1. Texto técnico	7
2.1.2. Texto literário	8
2.1.3. Género textual da obra de bell hooks	8
2.2. Tipologia textual	10
2.2.1. Texto descritivo	11
2.2.2. Texto narrativo.....	14
2.2.3. Texto explicativo/ expositivo	17
2.2.4. Texto argumentativo	21
2.2.5. Texto instrucional.....	31
3. OS PAPÉIS DO TRADUTOR	33
4. PROBLEMAS ENCONTRADOS AO LONGO DA TRADUÇÃO.....	40
4.1. Aspectos lexicais.....	40
4.1.1. Os termos	41
4.1.2. Marcação de género em expressões nominais.....	44
4.2. Aspectos de textualidade	53
4.3. Marcas culturais: as formas de tratamento.....	58
4.4. Procedimentos/estratégias de tradução utilizados	64
4.5. Tradução das citações e excertos de outros textos	68
4.5.1. Textos originais em português e traduzidos para português	70
4.6. Atualidade e relevância da obra	71
4.7. Notas de rodapé.....	73
CONCLUSÃO.....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
ANEXO I	88
ANEXO II – GLOSSÁRIO.....	1

INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como objetivo apresentar um comentário à tradução feita ao longo do Trabalho de Projeto integrado no Mestrado em Tradução na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O trabalho foi realizado em duas partes: a tradução da obra e o posterior comentário a essa tradução.

O projeto consiste na tradução integral da obra *Feminist Theory from margin to center* (1984), de bell hooks, do inglês americano para o português europeu. Bell hooks, uma escritora feminista ativista, cujas obras se centram na igualdade dos géneros e das raças, propõe, na sua obra, o que considera ser uma teoria feminista. Assentando num ponto de vista feminista radical, hooks declara na sua obra que, para que exista verdadeiramente uma igualdade de género, de raça e de classe, será necessário acabar com a opressão e exploração sexista que marcou a sociedade nas décadas de 70 e 80 e que continua a marcar os dias de hoje. Esta obra pauta-se por uma linguagem acessível que visa chegar a todos os públicos leitores. Nos doze capítulos que compõe a obra, como, por exemplo, “Mulheres negras: Formação da Teoria Feminista” ou “Homens: Camaradas na Luta” ou, até, “Educação Revolucionária”, hooks analisa diversos temas que, por vezes, não estão ligados diretamente ao feminismo, como, por exemplo, a falta de uma educação das crianças baseada na comunidade, mas que terão influência neste movimento.

Numa segunda fase, procedeu-se à realização do relatório de trabalho no qual foram abordados alguns dos pontos de interesse e questões levantadas ao longo da tradução. Inicialmente, no Capítulo 1 do relatório, encontramos uma breve biografia da autora da obra e um breve resumo dos temas tratados em *Feminist Theory from margin to center*. No Capítulo 2, “Tipologia e género textual”, encontramos uma reflexão do que são os tipos e géneros textuais e quais os que estão presentes ao longo do texto traduzido. No Capítulo 3, intitulado “Os papéis do tradutor”, é feita uma análise dos diversos papéis do tradutor, quer seja como responsável pelas escolhas e decisões referentes à tradução, quer como crítico do texto original e da sua própria tradução. O Capítulo 4, o capítulo mais extenso deste relatório, tem como objetivo apresentar os principais problemas e questões que se levantaram ao longo da tradução da obra. Este capítulo encontra-se dividido em várias secções. Na secção 4.1., são abordados os aspetos lexicais,

nomeadamente a presença de termos especializados na obra traduzida e, um dos aspetos que mais marcou esta obra, a marcação do género em expressões nominais. Na secção 4.2., são analisados os aspetos de textualidade, nomeadamente aspetos de coerência e de intertextualidade, marcados pela presença assídua de citações de outros autores na obra de hooks. Na secção 4.3., são abordadas as marcas culturais, mais especificamente as formas de tratamento e a sua diferente realização no par de línguas inglês-português. Na secção 4.4., são analisados alguns dos procedimentos de tradução e são apresentados exemplos de palavras ou expressões que sofreram algum tipo de tradução menos literal. A secção 4.5. destina-se à explicação de opções tomadas pelo tradutor referentes à tradução ou utilização de outras traduções de outros tradutores em citações presentes no texto. Na secção 4.6., faz-se uma breve reflexão sobre a importância da atualidade da obra traduzida e da relevância que as obras pertencentes a outros períodos da história poderão ou não ter. Na última secção, a secção 4.7., é apresentado um curto esclarecimento da utilização das notas de rodapé na tradução.

Encontra-se também anexo a este relatório um glossário realizado ao longo do trabalho, no qual estão incluídos termos especializados da área da Sociologia e das Ciências Sociais e, também, de outras áreas como a Filosofia e a Antropologia. Uma vez que a língua está em constante mudança, qualquer glossário está, conseqüentemente, em mudança também. Este glossário encontra-se, então, em processo de construção, o que significa que poderá ainda vir a sofrer acréscimos ou supressões.

A escolha desta obra deveu-se ao meu interesse nesta área e ao aparecimento, cada vez mais frequente, de informação sobre esta área em Portugal, não só em meios sociais, como a comunicação social e redes sociais, mas também em meios académicos em que se vê cada vez mais a abertura de cursos superiores que visam o estudo aprofundado do feminismo e da igualdade de direitos.

1. BREVE BIOGRAFIA DA AUTORA E CARACTERIZAÇÃO DA OBRA *FEMINIST THEORY FROM MARGIN TO CENTER*

Gloria Jean Watkins nasceu a 25 de setembro de 1952, em Hopkinsville, uma pequena cidade segregada, no estado de Kentucky. Mais tarde, adotou como seu pseudônimo o nome da sua bisavó materna, bell hooks, que optou por manter em letras minúsculas, para que a atenção fosse dada ao seu trabalho e à sua obra e não a si própria. É doutorada em Língua Inglesa na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz.

Aos 19 anos começou a escrever o seu primeiro livro, *Ain't I a Woman: Black Woman and Feminism* (1981), no qual debate as questões do racismo e do sexismo. Além das obras feministas, como *Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black* (1988) e *Feminism is for Everyone: passionate politics* (2000), a autora escreveu também poesia, livros de memórias e livros infantis, entre os quais estão *Happy to be Nappy* (1999) e *Be Boy Buzz* (2001).

Em *Feminist Theory from margin to center* (1984), obra traduzida integralmente e tema deste projeto de trabalho, a autora apresenta, através de uma comparação com outras obras feministas, o que considera ser a teoria feminista. Através das suas experiências de vida e das experiências de outras mulheres com quem contactou, faz uma análise dos obstáculos que o movimento feminista tem encontrado ao longo da sua formação e apresenta algumas sugestões para o que considera ser a solução para os problemas que o feminismo tem enfrentado e que o têm impedido de transformar mentalidades e a sociedade em geral. Uma das soluções do que é necessário para que todas as mulheres e homens, de todas as etnias, se unam na luta contra a opressão sexista.

Em doze capítulos, a autora analisa alguns excertos de obras de autores como Betty Friedan, Paulo Freire, Grace Lee e James Boggs, Benjamin Barber, Maya Angelou, etc., e algumas cartas de estudantes e colegas de turma, comentando as suas perspetivas relativamente ao tema, oferecendo a sua própria perspetiva e, por vezes, desmistificando o feminismo.

2. TIPOLOGIA E GÊNEROS TEXTUAIS

O processo de identificação de um gênero textual ou de um tipo de texto é algo que pode parecer trivial, no entanto, este pode ser fundamental na tomada de decisão por parte do tradutor. A sua identificação, logo no começo da tradução, possibilitará ao tradutor a particularização de características desse gênero ou tipo de texto, e, assim, definirá as escolhas linguísticas e permitirá mais facilmente manter as formas de organização textual.

Como é referido em Duarte (2013), cada tipo de texto apresenta características gramaticais e lexicais diferentes que devem ser tidas em conta na sua tradução. Uma vez que um gênero textual pode corresponder a um texto composto por sequências de diferentes tipos de texto, é natural que cada gênero tenha especificidades a ter igualmente em conta. Sendo este um aspeto de relevância para qualquer tradução, serão analisados o gênero e os tipos textuais presentes neste relatório, de modo a esclarecer alguns dos aspetos que lhes são característicos.

It is argued that text typology involving genre analysis can help the translator develop strategies that facilitate his/her work and provide awareness of various options as well as constraints. (Trosborg, 1997)

O reconhecimento do gênero de um texto e a distinção das diferentes sequências textuais presentes nesse texto, permitem ao tradutor compreender a função comunicativa que esse texto desempenha e, posteriormente, tentar transmitir no texto de chegada (TC) a intenção do texto de partida (TP), pois, como veremos nas secções seguintes, cada gênero e tipo textual tem as suas características próprias.

O estudo do texto e das suas componentes foi e continua a ser o tema de estudo de muitos autores. O tipo e o gênero textual são apenas dois dos aspetos que fazem parte deste estudo. Autores como Werlich (1976), Adam (1987, 1991), Petitjean (1989) e Schneuwly (1998), entre muitos outros, dedicaram algum do seu trabalho ao estudo do tipo e do gênero textual, analisando, entre outros aspetos, as suas características e a sua

presença nos textos. Propuseram também diferentes qualificações e definições de género e de tipo de texto e critérios de distinção para esta divisão.

Nas seguintes secções, serão abordadas as características do género e dos tipos de texto, de acordo com a proposta de Bassols e Torrent (2012), de Werlich (1976) e de Trosborg (1997), que serão ilustradas por alguns exemplos retirados do texto de bell hooks e da tradução realizada no âmbito deste projeto.

2.1. Género textual

Ao contrário da tipologia textual, que Mendes (2013) alega basear-se “nas formas de composição e estruturação do texto, tendo em conta vários aspetos da sua construção, que vão das escolhas lexicais e sintáticas ao estilo, às relações lógicas intratextuais [...]”, o género textual define-se através de outros critérios. Vários autores fizeram do género textual o objeto do seu estudo, uns focando-se mais no carácter funcional do discurso, ou seja, na sua função comunicativa, na intenção do texto, outros focando-se mais no carácter textual, nos aspetos formais ou estruturais da língua que constroem o discurso, ou seja, na forma; outros ainda, como é exemplo Mendes (2013), afirmam que o género textual se relaciona “[...] com critérios externos e não com aspetos formais (cf. também Sinclair 1996).”

Bassols e Torrent (2012) simplificam, dizendo que os géneros textuais “parecem ser maneiras diferentes de que o homem dispõe para se expressar”¹, que devem ser analisados tendo em conta o texto completo e devem ser definidos por critérios não-linguísticos, como, por exemplo, a sua função. Mendes (2013), por sua vez, declara que o género é uma “categoria textual aberta que reflete situações comunicativas e sociais típicas de cada cultura, pelo que se apresenta como bastante estável (cf. Bakhtin [1979] 1984). Tem a ver com práticas discursivas, conteúdos, estilo, propósito enunciativos e públicos a que se destinam os textos.”

Assim sendo, no âmbito deste trabalho, entendemos por género do texto a categorização dos textos com base na função comunicativa que desempenham, i.e., na sua aplicação. Um texto jornalístico correspondente a uma notícia ou a uma reportagem não

¹ Traduzido por mim para efeito deste relatório.

terá a mesma função de um texto literário, por exemplo. Deste modo, os diferentes gêneros têm características distintas que devem ser tidas em conta quando traduzidos.

A rhetorically sound definition of genre must be centred not on the substance or form of the discourse but on the action it is used to accomplish. (Miller, 1984, apud Trosborg, 1997)

Embora por norma um texto seja homogêneo no que toca ao seu género, ie., pertença a um único género, é possível que dentro de um destes textos ocorram sequências de texto que normalmente associaríamos a outros géneros, como, por exemplo, num romance poderá estar incluída uma receita (Lux, 1981, *apud* Reiß e Vermeer, 1984), ou numa entrevista poderá ser incluído um poema. Contudo, estes casos são uma exceção.

Um género textual pode englobar textos com características específicas distintas. Neste sentido, Mendes (2013), partindo de Sinclair (1996), propõe uma hierarquia de géneros, estando no topo o “supergénero”, seguido do género e do “subgénero”. A autora dá como exemplo de “supergénero” a ficção, que inclui o género literário, que, por sua vez, pertencem os subgéneros poesia, narrativa, biografia, entre outros. Mendes (2013) propõe também outros géneros como a “correspondência (ou género epistolar)”, que inclui as cartas pessoais, administrativas, de apresentação, entre outras, o género jornalístico, o género científico, o género conversação, entre outros. A existência de um extenso número de géneros de texto é incontestável, contudo só alguns deles se destacam no que toca à frequência com que são analisados nos textos sobre da tradução e à importância que lhes é dada pelos autores e teóricos. São estes o texto técnico, o texto literário e o texto científico. Talvez por a distinção entre eles ser algo que, por vezes, pode causar algumas dúvidas. Existem outros géneros de discurso, como o jornalístico, o jurídico, o religioso, entre outros (Bassols e Torrent, 2012), cuja identificação é relativamente mais simples.

Ao analisar a obra traduzida no âmbito deste projeto, tendo em conta o seu género textual, colocou-se a questão: Tratar-se-á de um texto literário ou de um texto técnico? Uma vez que a autora dá a sua opinião e o texto é altamente subjetivo, poderíamos considerar tratar-se de um texto com características literárias. No entanto, a sua vertente

argumentativa é evidente. Por outro lado, a informação que é transmitida tem como intenção servir de guia e é notória a ocorrência frequente de termos técnicos, o que o aproxima de um texto técnico. Assim, tornou-se necessário proceder a uma análise dos fatores que distinguem um texto técnico de um texto literário, de forma a compreender até que ponto o texto trabalhado poderia integrar-se num destes géneros.

2.1.1. Texto técnico

Logo à partida, um texto técnico seria de fácil identificação: um texto objetivo e carregado de terminologia. No entanto, a sua definição e identificação é muito mais complexa do que deixa transparecer e, por vezes, poderá trazer alguns problemas ao tradutor que encare este género de texto de forma despreocupada.

Conforme Cavaco-Cruz (2012), o texto técnico “está preocupado com a eficácia da comunicação de informações, factos e realidades.” A sua principal função é, portanto, a divulgação de informação. Quando o leitor lê um texto técnico, espera retirar alguma informação que lhe permita aprender sobre um dado assunto ou até aplicar esse conhecimento a algo físico, como, por exemplo, a administração de um medicamento, no caso dos folhetos de instruções de medicamentos. O redator, e conseqüentemente o tradutor, tem, portanto, de ser alguém especializado na área a ser tratada no texto.

(...) written by acknowledged authorities (...) are concerned with any topic of knowledge
(Newmark, 1988)

A linguagem é também um dos fatores que distinguem os textos técnicos dos textos literários, dado que, para a tradução de textos técnicos, são necessários conhecimentos específicos de uma dada linguagem especializada, ou seja, terminologia específica de uma área, que alguns leitores poderão não compreender.

Na maioria dos textos técnicos, a estética (ao nível, por exemplo, das escolhas lexicais ou das estruturas sintáticas utilizadas) não é um fator que tenha particular importância, uma vez que este género de texto pretende chegar a um grupo específico de pessoas de forma precisa e rigorosa. É escrito por especialistas da área, não só para especialistas, como também para o leitor que tenha poucos ou nenhuns conhecimentos da

área, dependendo do texto em si. Como afirma Venuti (1995), “Technical translation is fundamentally constrained by the exigencies of communication”, ou seja, um dos principais fatores que distinguem um texto técnico é a informação que pretende veicular e a forma como é veiculada, nomeadamente, o facto de a informação ser transmitida de uma forma clara e objetiva.

2.1.2. Texto literário

Ao contrário do texto técnico, o objetivo do texto literário é proporcionar ao leitor o prazer de ler. O texto literário apela ao leitor e uma das principais características é o seu caráter lúdico. Cavaco-Cruz (2012) afirma que “o texto literário compreende a virtuosa transposição do mundo da mente [...] baseia[-se] na veiculação ficcional.”

A linguagem é, portanto, mais livre e passível de produzir situações ambíguas. A estética desempenha um papel importante e a ter em conta na tradução, uma vez que a forma como a informação é veiculada pode, por vezes, ser uma característica marcante do texto. Ambos os exemplos de textos têm de ter precisão, no entanto, enquanto o texto técnico utiliza uma linguagem rigorosa, especializada e, maioritariamente, impessoal, o texto literário tem a possibilidade de utilizar variados registos de língua e, por vezes, de “jogar com as palavras” utilizando recursos expressivos como expressões idiomáticas e figuras de estilo. Estas características da variedade de linguagens do texto literário “oferecem um terreno fértil para a imprecisão do significado, a ambiguidade e a multiplicidade interpretativa” (Cavaco-Cruz, 2012).

No entanto, as características definitórias do texto técnico e do texto literário podem apresentar exceções. Apesar de a criatividade raramente ser um objetivo principal na tradução de textos técnicos, na tradução técnica também é necessário haver algum tipo de criatividade, visto que, por vezes, é necessário adaptar o texto à realidade da LC ou à cultura da LC. Por outro lado, nos textos literários, sendo estes mais heterogéneos em termos de articulação com outros géneros de texto, é possível a utilização de terminologia especializada.

2.1.3. Género textual da obra de bell hooks

A identificação do género do texto de bell hooks mostrou-se complexa, pois, como veremos nas secções seguintes, este caracteriza-se pelo seu cariz argumentativo. A obra

de hooks apresenta duas grandes vertentes que se confundem, pois convivem no mesmo texto. O texto tem, como mencionámos atrás, uma vertente que o aproxima do género literário, como vemos no exemplo (1), em que está ilustrada uma sequência narrativa, sendo utilizada uma linguagem subjetiva. A linguagem não deixa, contudo, de ser clara e formal, de modo a chegar a um público generalizado, de vários estratos sociais, como é mencionado pela própria autora. Apesar da vertente literária, o texto tem também, como foi já igualmente referido, uma vertente técnica, como vemos no exemplo (2), pois utiliza termos especializados – vejam-se as expressões destacadas –, sobretudo da Sociologia e das Ciências Sociais. Isto deve-se, provavelmente, ao facto de a autora lecionar diversos temas pertencentes a estas áreas e de, com esses conhecimentos, debater o tema do feminismo de uma forma quase académica.

(1)

<p>Time and time again, I have had the experience of making statements at talks that anger a listener and lead to assertive and sometimes hostile verbal confrontation. The situation feels uncomfortable, negative, and unproductive because there are angry voices, tears, etc., and yet I may find later that the experience has led to greater clarity and growth on my part and on the part of the listener. (Página 66, linha 10)</p>	<p>Inúmeras vezes passei pela experiência de fazer declarações em conferências que indignaram ouvintes e levaram a confrontos verbais assertivos e, por vezes, hostis. A situação parece desconfortável, negativa e pouco produtiva, pois há fúria nas vozes, há lágrimas, etc. e, no entanto, mais tarde, apercebo-me de que a experiência levou a uma maior clareza e a um crescimento da minha parte e da parte da ouvinte. (Página 51, linha 24)</p>
---	--

(2)

<p>Women who were not opposed to patriarchy, capitalism, classism, or racism labeled themselves "feminist." Their expectations were varied. Privileged women wanted social equality with men of their class; some women wanted equal</p>	<p>As mulheres que não se opunham ao patriarcado, ao capitalismo, ao classismo ou ao racismo identificavam-se como "feministas". As suas expectativas eram variadas. As mulheres privilegiadas queriam igualdade social para com os homens da sua classe social; algumas</p>
---	--

pay for equal work; others wanted an alternative lifestyle. (Página 7, linha 29)	mulheres queriam igualdade salarial pelo mesmo trabalho; outras queriam um estilo de vida diferente. (Página 6, linha 8)
--	--

Através da análise das particularidades do texto de bell hooks, chegamos à conclusão de que, apesar de ter uma vertente literária e uma vertente técnica, estas são utilizadas a favor da argumentação. Na realidade, é notória a intenção da autora de marcar a sua posição relativamente aos tópicos abordados e de convencer o leitor a partilhar as suas ideias e a assumir certos comportamentos. Assim, tendo em conta o carácter argumentativo, consideramos que o texto trabalhado deve ser categorizado como um texto de opinião.

2.2. Tipologia textual

Assim como o género, o tipo textual pode também ser definido pela sua intencionalidade. Se o autor desejar refutar uma opinião, pretender esclarecer ou demonstrar algo ou, até, se quiser relatar um determinado acontecimento, terá de utilizar diferentes tipos de texto para alcançar o seu objetivo.

O género e o tipo textual distinguem-se na medida em que um determinado texto pertencerá, como vimos anteriormente, a um único género, salvo certas exceções, enquanto nesse mesmo texto poderão ocorrer sequências correspondentes a diferentes tipos de texto. Relativamente ao texto de bell hooks, este é heterogéneo, pois, apesar de ser predominantemente argumentativo, apresenta também sequências de outros tipos de texto, nomeadamente o explicativo, o narrativo e o descritivo.

Vários teóricos e autores desenvolveram ideias e pontos de vista relativamente à tipologia textual. Variaram na denominação que deram aos diferentes tipos de texto, mas concordaram que todos os tipos de texto têm como objetivo passar uma determinada intenção.

The most visible means of expressing intention is through the choice of conventional text types. (Sager, 1997)

Neste trabalho, iremos seguir o pensamento defendido por Werlich (1976), adotado por outros autores depois deste, como Adam (1991). Segundo Werlich (1976), existem cinco tipos de texto homogêneos: o descritivo, o narrativo, o expositivo, o argumentativo e o instrucional. Adam (1991) faz uma divisão semelhante, baseando-se naquilo a que chama “sequência textual”. O autor explica que um texto é composto por várias sequências textuais, que podem ser argumentativas, narrativas, explicativas, etc., não deixando de clarificar que o que define o tipo de um texto é a natureza das sequências textuais que ocorrem com maior frequência.

Na obra aqui analisada, existem exemplos dos cinco tipos de texto, porém o que predomina é o tipo de texto argumentativo, característico dos textos de opinião, e o texto explicativo, aqui utilizado em favor da argumentação. A autora faz prevalecer a sua opinião relativamente ao feminismo, refutando as opiniões de outros autores, contra-argumentando e oferecendo sempre uma explicação para a sua opinião e/ou para os acontecimentos que marcaram a sociedade e a luta feminista.

Combettes (1987, *apud* Bassols e Torrent, 2012) afirma que “No habrá ningún texto en estado puro que pueda ser clasificado en un apartado que responda a todas las características que lo definen, ni encontraremos ninguna característica que sea propia sólo de un tipo de textos”. O que significa que, apesar de cada tipo de texto apresentar características específicas, estas não estão sempre todas presentes dentro de uma sequência e, por vezes, a mesma característica pode ser encontrada em diferentes tipos de texto. Nas secções seguintes, serão analisados os tipos de texto segundo as suas características e propriedades linguísticas e serão apresentados exemplos retirados do texto traduzido que ilustram a ocorrência de sequências textuais correspondentes a diferentes tipos textuais.

2.2.1. Texto descritivo

Os textos descritivos, como o próprio nome indica, pretendem descrever, i.e., ditar de forma mais ou menos pormenorizada, as características físicas ou psicológicas de um objeto, pessoa, situação ou acontecimento. A finalidade deste tipo de texto deverá ser a representação de algo, de modo a que o leitor/ ouvinte o consiga imaginar e/ou de modo a despertar um sentimento no recetor, de tal forma que este crie na sua mente uma representação do que está a ser descrito. A descrição pode ser mais ou menos objetiva, se

o emissor quiser passar uma imagem exata de algo ou se quiser dar um traço mais subjetivo, enriquecendo a imagem. A estas duas intenções, Bassols e Torrent (2012) dão o nome de descrição objetiva e descrição impressionista, respetivamente, definindo a primeira como a descrição fiel e um pouco impessoal do objeto e a segunda como a descrição que pretende suscitar emoções.

Apesar de existirem textos em que o tipo de texto dominante é o descritivo, frequentemente as sequências descritivas são utilizadas em segundo plano em tipos de texto argumentativos, narrativos e explicativos. Textos como os de retratos ou de publicidade podem ser predominantemente descritivos, do mesmo modo que alguns textos jornalísticos, como reportagens, entrevistas, crónicas e críticas, podem também recorrer à descrição (Bassols e Torrent, 2012).

Segundo Bassols e Torrent (2012), algumas características a ter em conta quando se analisa ou se pretende identificar as sequências textuais descritivas serão:

- a. Utilização de construções com valor aspetual durativo, com recurso a verbos como “estar”, “ser” e “parecer”.

(3)

<p>[...] class structure in American society has been shaped by the racial politic of white supremacy; [...] (Página 3, linha 26)</p>	<p>[...] a estrutura de classes na sociedade americana tem sido formada pela política racial da supremacia branca; [...]. (Página 2, linha 39)</p>
--	---

- b. O carácter referencial: presença de cadeias de referência que incluem a ocorrência de expressões anafóricas.

(4)

<p>[...] women_i who are powerless to change their_i condition in life. They_i are a silent majority. A mark of their_i victimization is that they_i accept their lot in life without visible question, without organized</p>	<p>[...] mulheres_i que não têm o poder de mudar a sua_i condição de vida. Elas_i são uma maioria silenciosa. Um sinal da sua_i vitimização é a aceitação do seu_i destino sem aparente questionamento, sem</p>
--	--

protest, without collective anger or rage. (Página 1, linha 3)	protestos organizados, sem indignação, nem fúria coletiva. (Página 1, linha 1)
---	---

c. Ocorrência de repetições.

(5)

Across those tracks were paved streets, stores we could not enter , restaurants we could not eat in, and people we could not look directly in the face. Across those tracks was a world we could work in as maids, as janitors, as prostitutes , as long as it was in a service capacity. (Página xvii, linha 3)	Do outro lado dessas linhas , havia ruas pavimentadas, lojas onde não podíamos entrar , restaurantes onde não podíamos comer e pessoas que não podíamos olhar diretamente nos olhos. Do outro lado dessas linhas , havia um mundo onde podíamos trabalhar como criadas, como contínuos, como prostitutas, desde que fosse na condição de serviço. (Página xi, linha 3)
--	--

d. Frequência de expressões nominais complexas (por exemplo, através de adjetivação ou de orações relativas adjetivas, de coordenação, etc.).

(6)

There are individual bourgeois women who are repudiating class privilege; who are politically progressive; who have given, are giving, or are willing to give of themselves in a revolutionary way to advance feminist movement. (Página 163, linha 13)	Existem mulheres burguesas individuais que estão a repudiar o privilégio de classe, que são progressistas a nível político, que se entregaram, se entregam e estão dispostas a entregar-se , de forma revolucionária, ao avanço do movimento feminista. (Página 128, linha 9)
---	---

e. Frequência de advérbios de modo e de lugar.

(7)

For black Americans living in a small Kentucky town, the railroad tracks were a daily reminder of our marginality. (Página xvii, linha 2)	Na qualidade de americanos negros a viver numa pequena cidade em Kentucky, as linhas de caminho-de-ferro recordavam-nos diariamente a nossa marginalidade. (Página xi, linha 1)
--	--

f. O escasso recurso a conjunções (exceto: “como”, “que”, “e”, “nem” e “mas”).

(8)

[...] select group of college-educated, middle and upper class, married white women – housewives bored with leisure, with the home, with children, with buying products, who wanted more out of life. (Página 1, linha 16)	[...] grupo restrito de mulheres brancas casadas, com formação académica, pertencentes à classe média e alta – donas de casa aborrecidas com o tempo livre, com a casa, com os filhos, com as compras e que queriam mais da vida. (Página 1, linha 10)
--	--

2.2.2. Texto narrativo

O texto narrativo pretende relatar um acontecimento ou situação, que podem ser fictícios ou reais. Ao contrário dos outros tipos de texto, o narrativo tem de ser situado no tempo e no espaço, e tem de apresentar os atores que nele participam, comumente chamados personagens. Nesta apresentação, geralmente é utilizado o tipo de texto descritivo como auxiliar da narração.

Vários autores segmentaram a narração em três grandes partes. Bassols e Torrent (2012) dividem a narração em apresentação do ator da ação, na narração do desenrolar da ação, na qual existe sempre uma complicação, e numa avaliação, ou aquilo a que se pode chamar moral da história.

O texto narrativo distingue-se do texto descritivo na medida em que relata uma ação que tem como intenção despertar algum tipo de sentimento no recetor. Consegue-o através de uma complicação da ação, de algum acontecimento na ação que prova ser um obstáculo para a personagem. A descrição, pelo contrário, diz respeito a algo rotineiro e puramente factual, sem qualquer tipo de complicação e pretende que quem lê, na maioria das vezes, imagine de forma clara o que está a ser descrito. Da narração, o recetor pode, normalmente, retirar algum tipo de moral ou conclusão final.

A ordem pela qual os factos são apresentados pode ser algo diferente, dependendo do género de texto em que a narração está inserida: num conto ou fábula, a ação desenrola-se segundo a ordem apresentada nos parágrafos anteriores. No entanto, num texto jornalístico, como, por exemplo, a notícia ou em publicidade, a ordem pode ser alterada em favor do sensacionalismo, começando a narração pela apresentação da conclusão ou do agente.

No texto de bell hooks, ocorrem alguns exemplos de sequências narrativas, nomeadamente em passagens em que a autora conta episódios da sua vida, contudo estas sequências são utilizadas em favor da argumentação. Em seguida, serão apresentados exemplos que ilustram as características linguísticas do texto narrativo propostas por Llorca (2006b) e por Bassols e Torrent (2012).

a. Ocorrência de expressões temporais.

(9)

<p>In 1981, I enrolled in a graduate class on feminist theory where we were given a course reading list that had writings by white women and men, one black man, but no material by or about black, Native American Indian, Hispanic, or Asian women. (Página 13, linha 35)</p>	<p>Em 1981, na licenciatura, matriculei-me num seminário de teoria feminista, em que me foi entregue uma lista de livros para ler, escritos por mulheres e homens brancos e um homem negro, contudo, nenhum escrito por uma mulher negra, indígena americana, latina ou asiática, ou mesmo sobre alguma destas. (Página 10, linha 44)</p>
--	--

b. Predominância de tempos verbais no passado.

(10)

<p>All the students lamented the absence of larger numbers of women of color. I assigned them the project of talking to non-white women on the campus about their reasons for not taking women's studies classes. They were encouraged to invite students to visit the classes. (Página 110, linha 35)</p>	<p>Todas as estudantes lamentavam a falta de um maior número mulheres de cor. Atribuí-lhes o projeto de questionar as mulheres não brancas na universidade sobre a razão pela qual não participavam nos seminários de estudos sobre as mulheres. Foram encorajadas a convidar as estudantes a assistir aos seminários. (Página 87, linha 10)</p>
---	--

c. Estruturas sintáticas com verbos que indicam movimento e ação.

(11)

<p>We had always to return to the margin, to cross the tracks, to shacks and abandoned houses on the edge of town. (Página xviii, linha 8)</p>	<p>Tínhamos sempre de regressar à margem, de atravessar aquelas linhas, até às barracas e casas abandonadas na periferia da cidade. (Página xi, linha 8)</p>
---	---

d. Ocorrência de elementos deícticos temporais.

(12)

<p>I pointed out that any person meeting her with no knowledge of her ethnic background probably assumes that she is white and relates to her accordingly. At the time the suggestion angered her. She became quite angry and finally stormed out of the class in tears. (Página 66, linha 22)</p>	<p>Afirmar que qualquer pessoa que não tivesse conhecimento da sua etnia provavelmente assumiria que ela era branca e se relacionaria com ela de acordo com isso. Nessa altura, esta sugestão indignou-a. Ficou bastante indignada e acabou por sair da sala em lágrimas. (Página 51, linha 33)</p>
---	--

2.2.3. Texto explicativo/ expositivo

O tipo de texto explicativo, de acordo com o que é proposto por Werlich (1976) tem como principal intenção aclarar um determinado tema, ou seja, facilitar a sua compreensão. Não pretende mudar a opinião do leitor/ouvinte em relação a esse tema, nem o pretende descrever, ou sequer transmitir a opinião do emissor, muito pelo contrário, a sua opinião relativamente ao assunto tratado deve ser omitida. Pretende, então, esclarecer o leitor/ouvinte sobre um determinado assunto, utilizando uma linguagem clara e objetiva, sem ambiguidades que possam dificultar a compreensão, e, sobretudo, quer-se que as informações veiculadas sejam verídicas.

Visto que o texto explicativo pode ter, de certo modo, um carácter pedagógico, o interlocutor deve possuir alguma informação relativamente ao conhecimento do recetor, uma vez que, tendo por base esse conhecimento, o interlocutor poderá adaptar a informação que pretende passar, de modo a esclarecer o recetor de forma adequada, sem que para isso o humilhe, esclarecendo conhecimentos que este já possui ou apresentando definições demasiado complexas. Não podemos explicar um conceito abstrato da área da filosofia a um estudante de licenciatura do mesmo modo que explicamos algo a uma criança e vice-versa. Segundo Llorca (2006c), devemos colocar algumas questões antes de elaborarmos um texto explicativo oral ou escrito: “¿Cuál es el objetivo de la explicación? ¿Con qué finalidad se realiza? Y una hipótesis lo más aproximada posible sobre el destinatario: ¿A quién se dirige la explicación? ¿Qué sabe el destinatario?”. Estas perguntas ajudam o emissor a evitar erros e ambiguidades.

Este tipo de texto pode ser, do mesmo modo que os outros tipos textuais, o dominante num determinado texto, sendo que os restantes serão utilizados em serviço da explicação. De entre todos os tipos textos, este é o mais propenso a utilizar terminologia específica do tema ou da área em questão, já que este tipo de texto é característico de estudos científicos e revistas de especialização, de livros escolares e didáticos e, até, do jornalismo, estando frequentemente presente em reportagens e notícias.

Relativamente à redação e análise de textos explicativos, há vários fatores linguísticos e pragmáticos que devem ser tidos em conta. A clareza e objetividade da linguagem, respeitando as regras de pontuação e de ordem de palavras, juntamente com a ausência de ambiguidade, são os fatores principais num texto explicativo, para evitar incompreensões.

Adam (1992) destaca um conjunto de procedimentos linguísticos característicos das sequências explicativas. Neste relatório, iremos mencionar unicamente duas que se destacaram na obra aqui analisada, propostos por Adam (1992), nomeadamente a utilização de expressões definitórias e a utilização de verbos no presente do indicativo; irão também ser referidas outras características propostas por Bassols e Torrent (2012) e outros autores antes delas.

a. frequência de utilização de expressões definitórias.

(13)

<p>Being oppressed means the <i>absence of choices</i>. It is the primary point of contact between the oppressed and the oppressor. (Página 5, linha 20)</p>	<p>Ser oprimido significa a <i>ausência de escolhas</i>. É o principal ponto de contacto entre o opressor e o oprimido. (Página 4, linha 21)</p>
--	--

(14)

<p>Many women in this society do have choices, (...) therefore exploitation and discrimination are words that more accurately describe the lot of women collectively in the United States. (Página 5, linha 22)</p>	<p>Muitas mulheres nesta sociedade têm escolha (...), portanto "exploração" e "discriminação" são palavras que descrevem, com maior precisão, a situação das mulheres coletivamente nos Estados Unidos da América. (Página 4, linha 23)</p>
---	--

b. Frequência de utilização de verbos no presente do indicativo.

(15)

<p>Usually the information they receive radically alters their perspectives on reality and changes their view of the nature of sex roles. (Página 111, linha 33)</p>	<p>Geralmente, a informação que recebem altera radicalmente o seu ponto de vista da realidade e muda a sua perspetiva do carácter dos papéis baseados nos sexos. (Página 87, linha 42)</p>
--	--

(16)

Most women are more familiar with negative perspectives on "women's lib" than the positive significations of feminism. (Página 25, linha 7)	A maioria das mulheres está mais familiarizada com as perspetivas negativas do movimento pela libertação das mulheres do que com as intenções positivas do feminismo. (Página 19, linha 31)
--	--

Calsamiglia e Tusón (1999) sugerem um conjunto de técnicas específicas da explicação, que auxiliam ao reconhecimento e à elaboração de um texto explicativo. Neste relatório, serão ilustradas apenas duas destas técnicas, dado terem ocorrido no texto de hooks. São estas a reformulação e a exemplificação.

- a. Reformulação (introduzida, respetivamente, através dos conectores “por outras palavras” e “ou seja”).

(17)

Poor and working-class women did not become the role models for bourgeois white women because they were not seen by them as exercising forms of power valued in this society. In other words, their exercise of strength was not synonymous with economic power. (Página 89, linha 3)	As mulheres pobres e da classe trabalhadora não eram vistas como exemplos, pois, para as mulheres brancas burguesas, não exerciam formas de poder que tivessem valor na sociedade. Por outras palavras, o seu exercício de poder não era sinónimo de poder económico. (Página 70, linha 3)
--	---

(18)

They teach us that the individual good is more important than the collective good and consequently that individual change is of greater significance than collective change. (Página 30, linha 33)	Ensinam-nos que o bem individual é mais importante do que o bem coletivo, ou seja , que a mudança individual é de maior importância do que a mudança coletiva. (Página 24, linha 7)
---	--

b. Exemplificação (introduzida pelo conector “por exemplo”).

(19)

The usurpation of feminism by bourgeois women to support their class interests has been to a very grave extent justified by feminist theory as it has so far been conceived. (For example , the ideology of "common oppression.") (Página 9, linha 24)	A usurpação que as mulheres burguesas fizeram do feminismo para corroborar os seus interesses de classe tem sido, de um modo gravíssimo, justificada pela teoria feminista tal como esta tem sido concebida. (Por exemplo , a ideologia da "opressão comum".) (Página 7, linha 25)
--	--

(20)

Participants in feminist movement acted in accord with sexist mystification of women's experience by simply accepting that women are different from men; (...) For example , much has been made of the idea that women are nurturers who affirm life whereas men are the killers, the warriors who negate life. (Página 87, linha 18)	As participantes no movimento feminista agiram de acordo com a mistificação sexista da experiência das mulheres ao aceitarem meramente que as mulheres são diferentes dos homens; (...) Por exemplo , tem-se dado muita importância à ideia de que as mulheres são as protetoras, que afirmam a vida, enquanto os homens são os assassinos, os guerreiros que negam a vida. (Página 68, linha 29)
--	--

2.2.4. Texto argumentativo

O texto argumentativo é construído a partir da apresentação de razões que visam apoiar ou refutar uma ideia ou ponto de vista. Ao construir um texto argumentativo, a intenção do escritor será, à partida, fazer prevalecer a sua opinião. O seu objetivo será o de tentar levar o destinatário a aceitar a sua opinião como certa ou, então, de chegar a uma determinada conclusão que o interlocutor considere correta, apresentando um conjunto de provas que lhe darão credibilidade. O emissor poderá, também, tentar contestar a opinião de outros através da contra-argumentação, i.e., através da contradição de outros pontos de vista.

A argumentação depende, como vimos em tipos de texto anteriores, do destinatário e da situação em que será utilizada. Sendo que se quer convencer alguém e fazer com que essa pessoa adote o nosso ponto de vista, a forma como o fazemos tem de ser específica para cada contexto. A presença de sequências argumentativas em discursos políticos, textos publicitários (Bassols e Torrent, 2012) e textos jornalísticos e nos meios de comunicação é muito comum, contudo a forma como os argumentos são apresentados em cada um destes géneros de texto não pode ser igual, dado que o público-alvo pode variar.

O texto a ser analisado do âmbito deste projeto é essencialmente um texto argumentativo, apesar de recorrer a outras sequências textuais. Assim sendo, seguidamente, serão referidos alguns dos recursos linguísticos e estruturas gramaticais propostos por Bassols e Torrent (2012), por Combettes (1987) e por Llorca (2006d). Serão sempre ilustrados com exemplos retirados da obra traduzida.

Combettes (1987) alega que a distância entre o emissor e o texto é mínima numa argumentação, transmitindo exatamente o pensamento do emissor. Este autor destaca cinco características pertencentes a uma sequência argumentativa. Todas estas auxiliam o autor do texto a expor os seus argumentos, deixando, assim, claro que este é o seu ponto de vista, e evidenciam a sua opinião no ato de fala.

a. Utilização da primeira pessoa verbal.

(21)

<p>My point is that feminism will never appeal to a mass-based group of women in our society who are heterosexual if they think that they will be looked down upon or seen as doing something wrong. (Página 155, linha 4)</p>	<p>A meu ver, o feminismo nunca apelará, na nossa sociedade, aos grupos de massas de mulheres que são heterossexuais se estas acharem que serão olhadas com desprezo ou como se estivessem a fazer algo errado. (Página 121, linha 11)</p>
---	---

(22)

<p>Though I criticize aspects of feminist movement as we have known it so far, a critique which is sometimes harsh and unrelenting, I do so not in an attempt to diminish feminist struggle [...]. (Página 17, linha 3)</p>	<p>Embora critique de forma severa e incessante alguns aspetos do movimento feminista como o temos vindo a conhecer, não o faço numa tentativa de desvalorizar a luta feminista [...]. (Página 13, linha 13)</p>
---	--

b. Ocorrência de verbos modalizadores, como, por exemplo, “achar”, “pensar”, “parecer”, “estar certo de”, entre outros.

(23)

<p>Currently feminism seems to be a term without any clear significance. (Página 25, linha 11)</p>	<p>Atualmente, "feminismo" parece ser um termo sem um significado concreto. (Página 19, linha 35)</p>
---	--

(24)

<p>I think they were wary because our actions were unusual. (Página 147, linha 5)</p>	<p>Penso que ficavam desconfiadas por as nossas ações serem pouco comuns. (Página 114, linha 31)</p>
--	---

- c. Ocorrência de termos avaliadores ou axiológicos, que remetem para os valores morais de cada pessoa.

(25)

Anita Cornwall is correct in "Three for the Price of One: Notes from a Gay Black Feminist," when she states (...) (Página 13, linha 12)	Anita Cornwell está certa quando diz em "Three for the Price of One: Notes from a Gay Black Feminist" (...) (Página 10, linha 24)
--	--

(26)

They need to know that the extent to which the isolated parenting that women do in this society is not the best way to raise children or treat women who mother. (Página 143, linha 31)	Essas pessoas precisam de compreender até que ponto esta educação isolada prestada pelas mulheres nesta sociedade é a melhor forma de educar os filhos ou de tratar as mulheres que os criam. (Página 112, linha 10)
--	---

- d. Ocorrência de deícticos, sobretudo os deícticos temporais.

(27)

[...] white women who dominate feminist discourse today rarely question whether or not their perspective on women's reality is true to the lived experiences of women as a collective group. (Página 3, linha 16)	[...] hoje em dia , as mulheres brancas que dominam o discurso feminista raramente se questionam se o seu ponto de vista relativamente à realidade das mulheres é ou não verdadeiro. (Página 2, linha 28)
--	--

(28)

Consequently, it is now necessary for advocates of feminism to collectively acknowledge that our struggle cannot be defined as a movement to gain social	Consequentemente, é necessário que, neste momento , os defensores do feminismo reconheçam coletivamente que a nossa luta não pode ser definida como um movimento pela conquista da
---	---

equality with men; [...] (Página 33, linha 27)	igualdade social para com os homens; [...] (Página 26, linha 9)
--	---

- e. Coincidência do tempo do enunciado e do tempo da enunciação, utilizando como recurso o presente do indicativo.

(29)

The political importance of literacy is still under stressed in feminist movement today even though printed material has practically become the sole medium for expression of theory. (Página 109, linha 24)	A importância política da alfabetização ainda é pouco salientada no movimento feminista atualmente, apesar de o material impresso se ter tornado praticamente o único meio de expressão da teoria. (Página 12, linha 86)
---	---

(30)

Rather than clarifying for women the power we exert in the maintenance of systems of domination and setting forth strategies for resistance and change, most current discussion of feminism and militarism further mystifies women's role. (Página 127, linha 20)	Em vez de explicar às mulheres o poder que elas têm na preservação dos sistemas de domínio e de definir estratégias para a resistência e para a mudança, grande parte dos debates da atualidade sobre o feminismo e o militarismo confunde ainda mais o papel das mulheres. (Página 99, linha 34)
--	--

Para além das propriedades mencionadas por Combettes (1987), Bassols e Torrent (2012) referem outras características ou recursos que ajudam o autor do texto a estruturar os seus argumentos. Estes recursos são particularmente evidentes no texto de bell hooks sempre que esta deseja demonstrar a sua opinião ou contestar a opinião de outros autores. Para cada recurso, serão apresentados dois exemplos ilustrativos. Podem ver-se:

- a. Marcas de ordenação (como, por exemplo, conectores que indicam ordem).

(31)

<p>The suggestion that women must obtain power before they can effectively resist sexism is rooted in the false assumption that women have no power. Women, even the most oppressed among us, do exercise some power. (Página 92, linha 6)</p>	<p>A sugestão de que as mulheres devem obter o poder antes de resistirem eficazmente ao sexismo está enraizada no falso pressuposto de que as mulheres não têm qualquer poder. As mulheres exercem algum poder, mesmo as mais oprimidas. (Página 72, linha 15)</p>
---	---

(32)

<p>At first students were uncomfortable with the assignment. (Página 111, linha 3)</p>	<p>No início, as estudantes ficaram pouco à vontade com a tarefa. (Página 87, linha 14)</p>
---	--

- b. Utilização frequente de aspas e de citações.

(33)

<p>Friedan concludes her first chapter by stating: "We can no longer ignore that voice within women that says: 'I want something more than my husband and my children and my house.'" (Página 1, linha 19)</p>	<p>Friedan termina o seu primeiro parágrafo dizendo: "Não podemos continuar a ignorar a voz dentro das mulheres que diz: «Eu quero algo mais, para além do meu marido, dos meus filhos e da minha casa»". (Página 1, linha 13)</p>
---	---

(34)

[...] defined by Paulo Freire as " action and reflection upon the world in order to transform it ". (Página 114, linha 1)	[...] definida por Paulo Freire como " reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo ". (Página 89, linha 26)
--	--

- c. Ocorrência de perguntas retóricas, cujo objetivo não é a obtenção de uma resposta, mas antes causar um efeito no leitor.

(35)

Who was there to demand a change in vocabulary? What other group of women in the United States had the same access to universities, publishing houses, mass media, money? (Página 6, linha 35)	Quem podia exigir uma mudança de vocabulário? Que outro grupo de mulheres, nos Estados Unidos, tinha acesso a universidades, editoras, meios de comunicação e dinheiro? (Página 5, linha 21)
--	--

- d. Utilização de travessões que marcam a presença de expressões parentéticas.

(36)

The fight against sexist oppression is of grave political significance – it is not for women only. (Página 42, linha 29)	A luta contra a opressão sexista é de grande importância política – não é só para as mulheres. (Página 33, linha 22)
--	--

(37)

Feminist movement to eradicate heterosexism-compulsory heterosexuality – is central to efforts to end sexual oppression. (Página 152, linha 15)	O movimento feminista pela erradicação do heterossexismo – heterossexualidade obrigatória – é fundamental para tentar acabar com a opressão sexual. (Página 119, linha 5)
---	---

- e. Conectores causais (como, por exemplo, “porque”, “visto que”, “dado que”), ilustrados no exemplo (38), e conclusivos (como, por exemplo, “daí”, “por isso”, “portanto”) que exprimem consequência, ilustrados nos exemplos (39) e (40).

(38)

<p>Given the power differential created by sexist politics, women are likely to be approached by any man since all men are taught to assume they should have access to the bodies of all women. (Página 157, linha 7)</p>	<p>Dado o diferencial de poder criado pelas políticas sexistas, há probabilidade de qualquer homem abordar uma mulher, visto que os homens são ensinados a assumir que devem ter acesso ao corpo das mulheres. (Página 122, linha 39)</p>
--	--

(39)

<p>According to their analysis, the basis for bonding was shared victimization, hence the emphasis on common oppression. (Página 45, linha 17)</p>	<p>Segundo a sua análise, o fundamento para a união era a vitimização partilhada, daí o destaque dado à opressão comum. (Página 35, linha 28)</p>
---	--

(40)

<p>The entry of women into the work force, which also serves the interests of capitalism, has taken even more control over women away from men. Therefore men rely more on the use of violence to establish and maintain a sex role hierarchy in which they are in a dominant position. (Página 121, linha 34)</p>	<p>A entrada das mulheres na força de trabalho, que também serve os interesses do capitalismo, retirou ainda mais aos homens o controlo que estes tinham sobre as mulheres. Portanto, os homens recorrem muito mais à violência para estabelecer e preservar a hierarquia dos papéis baseados no género, na qual estão em posição dominante. (Página 96, linha 29)</p>
---	---

- f. Frequente utilização de recursos retóricos (como, por exemplo, a antítese (41), um contraste de duas ideias opostas)

(41)

He suppresses this violence and releases it in what I call a "control" situation, a situation where he has no need to fear retaliation, wherein he does not have to suffer as a consequence of acting violently. (Página 122, linha 16)	O homem suprime esta violência e liberta-a naquilo a que eu chamo situação de "controlo", uma situação em que não receia retaliação, na qual não sofre uma consequência deste ato violento. (Página 96, linha 2)
---	--

Em seguida, serão apresentadas outras propriedades do texto argumentativo, novamente apresentadas em Bassols e Torrent (2012).

- a. Ocorrência de expressões que contradizem uma ideia através da construção: Não + verbo “ser” (Presente Indicativo) + Sintagma Nominal.

(42)

Racism is not an issue simply because white women activists are individually racist. (Página 53, linha 3)	O racismo não é um problema simplesmente porque as ativistas brancas são racistas individualmente. (Página 41, linha 15)
--	---

- b. Utilização de exemplos e de referência a acontecimentos passados ou a acontecimentos culturais partilhados. O exemplo (42), ilustra uma referência a um acontecimento passado, relativo à história do feminismo nos EUA. O exemplo (43), ilustra um exemplo de conhecimento universal partilhado.

(43)

Early in the movement, attempts to exclude and silence lesbians were justified	No início do movimento, as tentativas de excluir e de silenciar as lésbicas eram
--	--

through the specter of a " lavender menace ." (Página 153, linha 10)	justificadas pelo espectro da " lavender menace ". (Página 119, linha 30)
---	--

(44)

In fact, even the statement "men are the enemy" was basically an inversion of the male supremacist doctrine that "women are the enemy" – the old Adam and Eve version of reality. (Página 78, linha 17)	Na verdade, até a declaração "os homens são o inimigo" era essencialmente uma inversão da doutrina de supremacia masculina "as mulheres são o inimigo" – a antiga versão da realidade Adão e Eva . (Página 60, linha 44)
--	---

- c. Opinião do autor representada pela presença de conectores argumentativos (como, por exemplo, "porque", "já que", "dado que", "visto que").

(45)

This is not surprising given that frequently their discourse is aimed solely in the direction of a white audience and the focus solely on changing attitudes rather than addressing racism in a historical and political context. (Página 13, linha 22)	O que não surpreende visto que frequentemente o seu discurso é direcionado exclusivamente para um público branco e a atenção é dada exclusivamente à mudança de atitudes, em vez de abordarem o racismo num contexto histórico e político. (Página 10, linha 32)
--	---

- d. Ocorrência de comparações, ilustrada pelo exemplo (46) e de metáforas, ilustradas pelo exemplo (47).

(46)

With this in mind, I began to think in terms of translation – giving the same message, using a different style, simpler sentence structures, etc. (Página 112, linha 21)	Tendo isto em mente, comecei a pensar como na tradução – passar a mesma mensagem, utilizando um estilo diferente, estruturas de frases mais simples, etc. (Página 88, linha 21)
---	--

(47)

<p>Feminism is the struggle to end sexist oppression. Therefore, it is necessarily a struggle to eradicate the ideology of domination that permeates Western culture on various levels, as well as a commitment to reorganizing society so that the self-development of people can take precedence over imperialism, economic expansion, and material desires. (Página 26, linha 5)</p>	<p>O feminismo é uma luta que pretende acabar com a opressão sexista. É, portanto, uma luta que visa erradicar a ideologia de domínio que se difunde na cultura ocidental a vários níveis, bem como um compromisso de reorganização da sociedade para que o desenvolvimento individual de cada pessoa prevaleça sobre o imperialismo, a expansão económica e os desejos materialistas. (Página 20, linha 19)</p>
--	---

- e. Ligações que expressam causa ou consequência (conjunções, locuções causais e consecutivas, advérbios e locuções adverbiais). A primeira palavra a negrito ilustra uma conjunção, enquanto a segunda representa um advérbio.

(48)

<p>However, if one assumes, as I do, that battery is caused by the belief permeating this culture that hierarchical rule and coercive authority are natural, then all our relationships tend to be based on power and domination, and thus all forms of battery are linked. (Página 120, linha 3)</p>	<p>Contudo, se se assumir, como eu assumo, que os maus-tratos são causados pela crença, que se difunde nesta cultura, de que o domínio hierárquico e a autoridade coerciva são naturais, então todas as nossas relações se basearão no poder e no domínio, e, assim, todas as formas de maus-tratos estarão interligadas. (Página 94, linha 12)</p>
---	---

2.2.5. Texto instrucional

O texto instrucional, de entre todos os tipos de texto considerados, deverá ser o de mais fácil identificação, uma vez que o seu objetivo é bastante claro: dar instruções sobre a realização de uma determinada tarefa.

Quando um autor redige um texto instrutivo, tem como intenção que a pessoa que o vai ler atinja um determinado fim através da realização de certas etapas que lhe serão propostas ou que aprenda algo com as indicações que lhe são dadas. Estas etapas geralmente têm uma ordem fixa. Os géneros de textos nos quais é mais comum o texto instrutivo ser dominante são os manuais de instruções ou os manuais de atividades, como jardinagem, as receitas e os textos escolares. Porém, como já vimos anteriormente, nenhum texto é homogéneo no que toca a sequências textuais, por isso outros tipos textuais podem recorrer a sequências instrutivas para alcançar a sua intenção.

Apesar de no texto existir uma componente predominantemente argumentativa, dado que a autora pretende convencer o seu público-alvo a realizar determinadas ações e a partilhar determinadas opiniões, essa argumentação assume frequentemente a forma de instruções, logo encontramos algumas sequências instrucionais. Na tabela abaixo, são apresentados dois exemplos de sequências instrucionais presentes no texto.

(49)

<p>We must actively struggle to rid feminist movement of its anti-intellectual bias. We must continue to criticize meaningless intellectual work and promote the kind of study and scholarship that is itself a feminist praxis. (Página 115, linha 24)</p>	<p>Temos de lutar ativamente para livrar o movimento feminista dos seus preconceitos anti-intelectuais. Temos de continuar a criticar as obras intelectuais sem sentido e a promover o tipo de estudo e de conhecimento académico que é, em si, uma prática feminista. (Página 91, linha 1)</p>
--	--

(50)

As feminists, we must confront those women who do in fact believe that women with heterosexual preferences are either traitors or likely to be anti-lesbian. (Página 154, linha 19)	Na qualidade de feministas, temos de enfrentar aquelas mulheres que realmente acreditam que as mulheres com preferências heterossexuais são traidoras ou, provavelmente, anti-lésbicas. (Página 120, linha 37)
--	---

A identificação dos tipos textuais e do género textual foi relevante para a tradução do texto, na medida em que permitiu que algumas questões que se levantam frequentemente na tradução do par de línguas inglês-português, – gramaticais, lexicais, pragmáticas –, e que são tidas como comuns, fossem encaradas de forma consciente, para que tanto a interpretação do TP como a tradução para o TC fossem o mais fiel possível ao original e à mensagem do autor. Após a evidenciação das sequências textuais dominantes no texto bell hooks, tornou-se claro que a sequência dominante era a argumentativa, logo, transmitiria a opinião da autora. Assim sendo, qualquer escolha que tivesse de ser feita, deveria ter sempre em mente que a “voz” e a opinião da autora seriam os fatores principais a transmitir para o TC. Qualquer erro na tradução ou ponto de vista que não fosse transmitido de forma clara poderia estar a prejudicar o interesse da autora.

Assim, acreditamos que o conhecimento, pelo tradutor, das características específicas dos diferentes tipos e géneros textuais contribui para a sua competência tradutória, uma vez que permite assegurar a adequação das traduções e o respeito pelo texto de partida, possibilitando, desta forma, que se mantenham as marcas criadas pelo seu autor.

3. OS PAPÉIS DO TRADUTOR

Neste capítulo, será feita uma reflexão sobre os papéis do tradutor, no que diz respeito aos fatores que o distinguem de um leitor comum, na interpretação de um texto, e da tradução automática, no processo de tradução.

Quando um texto é escrito, seja técnico, jornalístico ou literário, só uma determinada parte da população mundial será capaz de o descodificar. O conjunto de signos linguísticos que formarão frases só será compreendido pelos falantes dessa língua. Para que esse texto seja acessível a outros leitores, é necessária a intervenção de um tradutor que transmita a mensagem desse texto de um idioma para outro, alargando, conseqüentemente, a sua recepção a um público-alvo de outras línguas. Porém, o trabalho do tradutor é muito mais do que simplesmente uma tradução de palavras, é uma tradução de culturas e de modos de percepção, bem como um conjunto de outros fatores que poderão influenciar a tradução.

Atualmente, num mundo marcado pela propagação da informação a uma velocidade estonteante, são exigidas ao tradutor traduções quase instantâneas, obrigando-o a competir com máquinas, i.e., com os computadores que realizam a tradução automática. Numa era em que os dicionários disponíveis *online* definem tradutor como “A person who translates from one language into another (...)” e “A computer program that translates from one programming language into another” (Oxford Dictionary) ou “a person or machine that translates speech or writing” (Collins Dictionary), é necessário, mais do que nunca, que o tradutor-humano se distinga do tradutor-máquina. Um dos principais fatores que diferenciam o humano da tradução automática é a sua capacidade de interpretar textos, de identificar problemas, de tentar resolver esses problemas, de tomar decisões conscientes e de justificar as suas escolhas. Ao contrário da máquina, o tradutor opera não só com fatores linguísticos, através do recurso a dicionários, enciclopédias, gramáticas, *corpora* paralelos, etc., mas também com fatores extralinguísticos, como pessoas, intenções e fatores culturais.

No entanto, hoje em dia, os tradutores automáticos não precisam de ser encarados como inimigos do tradutor. Tanto as máquinas de tradução automática como as ferramentas de tradução assistida, como, por exemplo, as memórias de tradução, podem ser utilizadas pelo tradutor no processo de tradução, de forma a otimizar o seu trabalho,

libertando-o de tarefas como a pesquisa de termos, tornando o processo de tradução mais rápido e, conseqüentemente, proporcionando mais tempo para outras tarefas que só o tradutor poderá realizar (House, 2018).

Entre estas tarefas, está a tomada de decisões, já que todos os fatores que rodeiam a tomada de decisão implicam um conhecimento do contexto do texto a nível cultural e um grande conjunto de fatores extratexto que só o tradutor poderá interpretar. Esta problemática da tomada de decisão está presente em todas as traduções e vai desde o método tradução utilizado para um texto específico até a uma palavra específica sem equivalente fixado na língua de chegada.

Ao longo da tradução de *Feminist Theory from margin to center*, constatou-se que alguns dos pontos que tornaram o processo de tradução mais complexo seriam ignorados ou desvalorizados pela tradução automática. Por exemplo, as diferentes formas de tratamento do par de línguas aqui trabalhado implicam uma reflexão sobre o que é mais adequado a cada cultura, assim como os aspetos de marcação de género entre as duas línguas, que podem espelhar diferentes atitudes do autor do texto, como mencionaremos adiante. Estes fatores estão intrinsecamente ligados ao conhecimento cultural das línguas de trabalho do tradutor, que terá de ter um conhecimento bastante aprofundado das culturas, não só para reconhecer que esse problema existe, como também para o solucionar de forma adequada.

The translator's choices may indeed be determined by her being immersed in the richness of the cognitive, social, situational and socio-cultural environment [...]. (House, 2018)

Uma das tarefas para as quais o tradutor terá mais tempo se utilizar as ferramentas de tradução assistida será a solução de problemas, como defende Wilss (1996) quando diz que “[d]ecision-making processes are inextricably connected with problema-solving activities”. A partir do momento em que o tradutor encontra uma dificuldade ou problema que o impede de continuar a tradução, o passo seguinte será a procura de uma solução para colmatar essa lacuna. Por vezes, um problema poderá comprometer a compreensão do TP ou, até, a mensagem que o autor pretende transmitir. Uma das soluções que poderá salvaguardar o tradutor e que, mais uma vez, o distingue do tradutor-máquina é a

possibilidade de contactar o autor do texto ou o cliente que pede a tradução, no sentido de pedir mais informações sobre o texto ou de pedir um esclarecimento sobre uma parte específica do texto. Infelizmente, esta solução nem sempre é viável e, quando isso acontece, cabe ao tradutor resolver o problema da forma que considera mais adequada. Este processo, muitas vezes, caracteriza-se por uma longa reflexão acerca dos fatores que influenciarão não só o texto em si, mas o efeito que este causará no público leitor.

The translators are not responsible for the message they bear. That is why, as messengers, they should be protected. At the same time, they are somehow responsible for the effects of those messages. They are responsible for some things and not responsible for others. (Pym, 2012)

Como será mencionado na secção 4.1.2., ao traduzir *Feminist Theory from margin to center*, levantou-se um problema relativo à marcação de género em expressões pertencentes a categorias nominais que se colocou devido à diferença, relativamente a este aspeto, entre as línguas de trabalho. Num texto em que o tema trata as relações de poder e igualdade entre homens e mulheres, qualquer falha implicaria comprometer a mensagem transmitida por bell hooks. Para garantir que a tradução seria o mais fiel possível ao texto original, decidi contactar a autora. Esta decisão, contudo, não se mostrou produtiva, dado que não obtive resposta. Passei, então, ao passo seguinte, que foi solucionar o problema tendo unicamente por base o texto e a minha intuição sobre o que seria o posicionamento da autora.

Seguidamente, mencionaremos algumas das escolhas que o tradutor tem de fazer, juntamente com uma breve reflexão sobre outro dos papéis do tradutor.

Conforme afirmam Hatim e Mason (1997), a vida profissional de um tradutor é pautada por dicotomias. E o que se entende por dicotomias é a escolha entre diferentes direções na tradução, como, por exemplo, a escolha entre a tradução literal ou a tradução livre (a forma ou o contexto), a tradução oral ou a tradução escrita, a tradução literária ou a tradução jurídica, entre outras. Vários autores estudaram e continuam a estudar estas dicotomias, alguns tentando encontrar uma forma ideal de traduzir e outros simplesmente explorando as diversas estratégias que o tradutor possui para traduzir.

Estas dicotomias passam despercebidas ao leitor e/ou ao cliente, por sua vez, o tradutor tem de ter plena consciência da sua presença. E, para isso, antes de qualquer tradução, o tradutor procede à análise não só do texto, mas também do contexto que rodeia esse texto. Os primeiros parâmetros a ter em conta são: quem pede a tradução, a quem se destina a tradução, ou seja, o público-alvo que a irá ler, o par de línguas com as quais irá trabalhar, o tipo e género de texto a ser traduzido, o formato, o objetivo final do texto, a sua aproximação ou afastamento do TP, entre outros. Todo este processo pode parecer complexo e demorado, mas só este permite ao tradutor realizar uma tradução cuidada e profissional.

The diversity – of texts and text forms, professional fields, purposes and ultimate destinations of translations – is manifest; the unity of what constitutes (source and target) text in context is less apparent. (Hatim e Mason, 1997)

O tradutor receberá instruções do seu cliente, seja este uma editora ou uma pessoa individual, e terá de realizar da melhor forma o que lhe é pedido. Por vezes, o que o tradutor considera ser a melhor forma de traduzir um determinado texto ou frase ou palavra poderá levar o cliente a questionar as suas opções. Para salvaguardar qualquer decisão, o tradutor deveria ter sempre forma de justificar as suas escolhas. Num cenário idílico, Robinson (2003) propõe que o tradutor “get into the habit of documenting the decision-making process (and coming up with a final justification) [...], in case a client or agency project manager challenges your choice”. Esta capacidade de justificação das suas escolhas implica, por parte do tradutor, um conjunto de competências que envolvem um profundo conhecimento do funcionamento das línguas de trabalho.

Todas as decisões que o tradutor terá de tomar estão implicitamente relacionadas com alguns parâmetros que tem de ter em consideração antes começar o processo de tradução. Levý (2011) propõe um modelo tripartido do processo de tradução que começa na leitura do TP e acaba na formulação do TC. Em conformidade com Levý (2011), o processo de tradução caracteriza-se por três fases: (1) a compreensão do TP (“apprehension of the source”), (2) a interpretação do TP (“interpretation of the source”)

e (3) a “reestilização” do TP (“re-stylisation of the source”). Para que melhor percebamos a importância destas fases no processo de tradução, será feita uma análise de cada uma delas, segundo as definições do autor. É de frisar que este modelo se aplica sobretudo a textos com vertentes mais literárias, mas poderá também, em certa medida, aplicar-se à obra *Feminist Theory from margin to center*.

A compreensão do TP assenta sobre uma primeira leitura do texto. Nesta leitura, o leitor ou, neste caso, o tradutor irá filtrar as diversas intenções do autor, i.e., ironias, entoações, as características e personalidades das personagens, nos casos de textos literários, as ambiguidades, entre outras. O leitor comum aperceber-se-á destas intenções, contudo, para o tradutor, esta identificação implica também a reconhecimento dos meios utilizados para realizar as suas intenções. A diferença entre a leitura realizada pelo leitor comum e pelo tradutor reside na consciência da presença dessas intenções no texto. Em alguns casos será necessário recorrer à intuição para compreender diversas situações, uma vez que, qualquer falha na compreensão significaria uma tradução só de palavras e não de intenções. Todavia, o tradutor tem de se tentar manter sempre consciente do texto original e não se deixar levar pela sua própria imaginação e, conseqüentemente, adicionar intenções à sua tradução que não estavam presentes no TP.

A interpretação do TP reflete-se, maioritariamente, na necessidade de o tradutor explicar alguma palavra ou expressão da língua do TP, quando esta não possui um equivalente fixado na língua do TC, sempre tendo em conta o contexto em que esta expressão se insere. O tradutor terá de interpretar aquela palavra ou expressão dentro do contexto em que ocorre no texto, dado que uma tradução literal poderá desencadear problemas na tradução. Levý (2011) confirma que, por vezes, “a linguistically correct translation is inadequate and an interpretation is required”. A interpretação requiere, portanto, que o tradutor se afaste da realidade que conhece para se focar na realidade do TP, para que a interpretação seja fiel ao TP e não seja uma adaptação do tradutor. Levý (2011) levanta a questão “What kind of freedom of interpretation is the translator allowed?”, oferecendo, logo de seguida, uma resposta: “the theoretical and artistic interpretation must be based on ideological and aesthetic values expressly or latently inherent in the work itself”.

Por fim, a “reestilização” do TP representa não o processo de crítica do TP, mas o processo de reescrita, ou seja, a tradução. No entanto, como foi dito anteriormente, a

fase da “reestilização” está associada essencialmente a textos literários e à sua vertente estética, por isso, não será analisada nesta secção.

Robinson (2003) apresenta também um conjunto de critérios que o tradutor terá de considerar antes de traduzir. Para efeitos deste relatório, traduzo os critérios que considerei serem mais importantes e nos quais me foquei na tradução da obra de bell hooks. Entre eles, estão:

1. Nunca assumir que compreendemos perfeitamente o TP;
2. Analisar sempre o tipo de texto, o género textual, a função retórica, etc.;
3. Analisar sempre a sintaxe e semântica do TP, para nos certificarmos de que compreendemos ao pormenor o que é dito, o que não é dito e o que é subentendido;
4. Prestar sempre atenção à encomenda da tradução (o que nos é pedido, por quem, para quem e porquê) e considerar sempre as necessidades do público-alvo.²

Além de ser crítico do TP, na medida em que analisa e interpreta o TP antes da sua tradução, o tradutor tem de ser crítico da sua própria tradução, quer pela sua aproximação ao texto original, quer por ser um texto na língua de chegada e, por isso, ter de respeitar regras de coesão e coerência dessa mesma língua. A par com os aspetos que o tradutor teve em conta no processo que antecedeu a tradução, como o género do texto e a sua função (Reiss, 1968, 1971, 1973, *apud* House, 2015), ao longo da sua tradução, o tradutor teve de tomar diversas decisões que implicaram a interpretação e a resolução que o tradutor considerou mais adequadas. Estas decisões são tomadas ao longo de um processo intenso e contínuo que, por vezes, implicam uma absorção tal no texto, que o tradutor as realiza inconscientemente. Este processo de inconsciência poderá ser benéfico para a tradução, por exemplo, para a sua rapidez, mas poderá também causar erros ou falhas que passam despercebidas ao tradutor.

Além de todos os fatores que o tradutor tem em conta na sua tradução, se este quiser que a sua tradução seja considerada adequada, terá de ser crítico para consigo

² Traduzido por mim para efeitos deste relatório.

mesmo e para com a sua tradução. Apesar de poucos autores mencionarem a crítica da tradução, i.e., a análise da tradução com vista a considerar se esta é ou não adequada, os que a exploraram fizeram-no de forma a que esta pudesse servir não só ao tradutor, como também a qualquer indivíduo que queira analisar uma tradução. Em seguida, descreveremos um dos modelos propostos por autores que estudaram esta área.

Reiss (1968, 1971, 1973, *apud* House, 2015) propõe que antes de se determinar a qualidade de uma tradução, tem de se determinar qual a sua função do TP e qual o seu género textual. Dependendo do género do texto e do objetivo deste, a tradução poderá ser avaliada de diferentes formas, como, por exemplo, a tradução da letra de uma canção não poderá ser avaliada do mesmo modo que uma notícia de um jornal, visto que cada uma destes géneros tem características diferentes. Koller (1974, *apud* House, 2015) sugere um modelo tripartido de qualidade de uma tradução: na primeira fase, faz-se uma análise do TP, para verificar a sua portabilidade para a língua de chegada; na segunda fase, é feita uma comparação na qual se explicam os diferentes métodos de tradução utilizados; na terceira e última fase, é avaliada a tradução como sendo ou não “adequada”, em conformidade com as características do TP e com as características da língua de chegada.

Em suma, o tradutor é um comunicador e é um ator que interpreta diversos papéis: o de leitor e crítico do TP, o de responsável pela tomada de decisão e pelas escolhas que influenciarão a forma e o conteúdo do TC e o de crítico da sua própria tradução.

4. PROBLEMAS ENCONTRADOS AO LONGO DA TRADUÇÃO

Como o próprio título indica, neste capítulo serão analisadas algumas questões que ocorreram durante a tradução.

Ao contrário do que se possa pensar, como já foi referido atrás, uma tradução não é um processo automático. Qualquer texto, por mais simples que seja, levantará problemas e dificuldades, sejam estes culturais, lexicais, de ambiguidade, etc. Os problemas que surgirão dependerão de diversos fatores, como o par de línguas de trabalho e as suas diferenças culturais, o modo como conceptualizam o mundo à sua volta, o modo como o descrevem através da sua gramática, etc.

Nord (1997) afirma que os problemas farão sempre parte da tradução, independentemente das soluções que o tradutor encontrar para os colmatar. Já as dificuldades dependem dos conhecimentos do tradutor e da sua interpretação do TP e escrita do TC. Neste capítulo, analisaremos unicamente os problemas mais relevantes que foram encontrados ao longo da tradução do texto de bell hooks, como, por exemplo, os aspetos lexicais, os aspetos de textualidade e as marcas culturais. Serão apresentados, também, exemplos que ilustram esses problemas, bem como a solução encontrada para os colmatar. Para este efeito, serão apresentados um ou mais exemplos do TP seguidos da minha proposta de tradução.

4.1. Aspetos lexicais

Nesta secção, serão abordados os aspetos lexicais que se destacaram e que trouxeram alguns problemas para a tradução. Já que o texto trabalhado se caracteriza pela ocorrência frequente de termos especializados, esta é a primeira questão que abordaremos nesta secção. Seguidamente, trataremos um aspeto relativamente ao qual as línguas que trabalhamos apresentam comportamentos diferentes, que é a questão da especificação e marcação de género das palavras que ocorrem no interior de categorias nominais. Estes aspetos levantaram algumas questões relativamente à sua tradução para português.

Apesar do tema tratado na obra de bell hooks ser bastante atual a nível mundial, o texto apresenta palavras na sua língua original, o inglês, que ainda não têm um equivalente fixado em português. Algumas destas palavras correspondem a termos

especializados, outras pertencem a vocabulário do léxico comum. Na secção 4.1.1., analisaremos a presença de termos especializados na obra traduzida e referiremos a maneira esta influenciou a tarefa da tradutora, nomeadamente ao nível da pesquisa e homogeneidade do texto.

Para além desta questão, existem outras particularidades na tradução do par de línguas inglês e português, nomeadamente, como referimos, a especificação e marcação de género em expressões pertencentes a categorias nominais. Em outros textos, a necessidade de especificar o género de uma palavra pode não ser um dos fatores que levanta mais problemas ao tradutor. Contudo, num texto que trata o feminismo, ou seja, a igualdade entre homens e mulheres, e a luta que ambos os sexos devem travar para que a opressão sexista tenha um fim, um erro na marcação de género de uma palavra ou expressão poderia alterar o sentido do texto ou, até, contradizer a mensagem que a autora pretende passar.

4.1.1. Os termos

Num mundo cada vez mais globalizado e impregnado com informação, a diferença entre léxico comum e termos especializados é cada vez mais perceptível. Antes de mais, será necessário proceder a uma distinção destes dois conceitos. Segundo Correia (2005), termos são “unidades lexicais que assumem significados específicos quando usadas em discurso especializado, significados esses que lhes permitem denominar conceitos científicos e técnicos”. Assim, conforme Cabré (2010), a terminologia tem como principal função “representar y comunicar los conocimientos especializados”, para que este conhecimento seja veiculado de forma uniforme. O Dicionário Terminológico *online* define léxico como um “conjunto de todas as palavras ou constituintes morfológicos portadores de significado possíveis numa língua, independentemente da sua actualização em registos específicos. O léxico de uma língua inclui não apenas o conjunto de palavras efectivamente atestada num determinado contexto (cf. vocabulário), mas também as que já não são usadas, as neológicas e todas as que os processos de construção de palavras da língua permitem criar.”. O léxico é, assim, aqui entendido como um inventário de unidades lexicais que está em constante mudança e, por este motivo, é impossível que um falante conheça todo o léxico de uma língua.

A identificação de equivalentes de léxico comum entre as línguas é um processo que, em geral, acontece na tradução e que será mais ou menos simples. A terminologia, contudo, implica um processo mais moroso e que poderá ser mais minucioso. A criação de terminologia depende da necessidade que os especialistas de uma determinada área têm de formar termos para denominar conceitos ainda não existentes nessa língua. O problema que surge com a produção de terminologia numa determinada língua é a carência de terminologia equivalente noutras línguas. E, como é cada vez mais frequente produzir novo conhecimento e, conseqüentemente, nova terminologia, a necessidade de criar equivalentes essa terminologia noutras línguas e de torná-la mundial é também cada vez maior.

O feminismo e o seu desenrolar na história dos Estados Unidos da América obrigaram a que, inevitavelmente, fossem criados novos termos e expressões, i.e., neologismos, para descrever situações, ações, agentes, entre outros, que estiveram especificamente ligados a este movimento. Como afirma Cabré (2010), “[...] es evidente que en toda situación en la que se produce conocimiento original nuevo este conocimiento se expresa inicialmente en la lengua de quien lo produce”. Os termos que surgiram, assim, da revolução feminista, nas suas diferentes etapas, foram formados em inglês. Apesar de, em países em que a língua falada não é o inglês, como é exemplo Portugal, também ter ocorrido uma revolução feminista, esta desenrolou-se de forma diferente, logo, a denominação e conceptualização das palavras utilizadas para descrever os acontecimentos e termos específicos foi também distinta. Assim sendo, é normal que, em alguns casos, se verifique a inexistência de vocabulário equivalente noutras línguas que não o inglês.

Dado que o texto aqui analisado tem uma vertente técnica, precisamente por apresentar alguma terminologia especializada da língua do TP, foi necessário, por parte da tradutora, fazer uma investigação mais aprofundada do significado de alguns termos e ter uma maior atenção, aos termos, para que o equivalente encontrado fosse o mais adequado possível, de forma a evitar estranheza ao leitor, mantendo a fidelidade ao TP.

Os termos presentes na obra de bell hooks pertencem a áreas como a Sociologia e as Ciências Sociais, mas também à Filosofia, à Antropologia e à Política. Alguns destes termos não estão ainda atestados nos dicionários ou bases de dados terminológicas especializada destas áreas, em português europeu. Assim sendo, a presença de alguns

destes termos no texto e a identificação do seu equivalente em português nem sempre foi fácil. A identificação de alguns equivalentes implicou, efetivamente, um processo de pesquisa muito cuidadoso. A existência de dois aparentes equivalentes na língua do TC para traduzir um termo do TP, como foi o caso do termo “coercion”, cuja tradução poderia ser “coerção” ou “coaço”, ou o caso de “socialization”, cujos equivalentes poderiam ser “socialização” ou “sociabilização”, foi uma das situações que levantaram algumas questões durante o processo de tradução. A interferência de um equivalente do português brasileiro “dominação” na tradução do termo “domination” causou também alguma necessidade de pesquisa mais rigorosa.

Para clarificar e sistematizar alguns dos termos e/ou expressões que pudessem ser de difícil compreensão, trazendo possíveis problemas interpretação do texto, ou que não pertencessem ainda à terminologia destas áreas do português europeu, foi elaborado um glossário que se encontra anexo a este relatório. O glossário encontra-se dividido em termos e expressões na língua de partida e seus equivalentes na língua de chegada, uma breve definição, a indicação do domínio a que pertence o termo, quando é o caso, e a fonte à qual se recorreu para fundamentar essa escolha. Precedendo o glossário, foi redigida uma introdução que clarificará alguns aspetos do glossário construído no âmbito deste projeto, como, por exemplo, as suas vantagens e aplicações.

Uma vez que cada palavra ou termo do inglês poderá ter ou não um equivalente fixado em português, o processo que caracterizou a sua procura e/ou comprovação foi minucioso. Devido à variedade de ocorrências, o processo não foi de todo homogêneo, nem contínuo. Cada palavra implicou um diferente método de pesquisa e o grau de facilidade de localização de um equivalente variou igualmente.

No que diz respeito aos termos e/ou palavras do léxico comum cujos equivalentes eram inexistentes ou ambíguos, foi necessária uma pesquisa aprofundada que consistiu na utilização de dicionários unilingues da língua inglesa que esclareceram o significado da palavra ou expressão, seguida de uma pesquisa de um equivalente em mais do que um dicionário bilingue. Nos casos em que o dicionário bilingue proporcionava um equivalente, procedeu-se à confirmação do seu significado num dicionário unilingue da língua portuguesa. Caso o seu significado fosse igual ou semelhante, procedeu-se à comprovação da adequação da palavra através de textos paralelos da área em que aquela palavra ou expressão se inseria, de forma a compreender se esta já seria uma palavra ou

expressão cunhada na língua do TP e, por conseguinte, se seria adequada à tradução. Temos, como exemplo, a palavra “empowerment”, já cunhada no português como “empoderamento”. Porém, nos casos em que o significado do equivalente era diferente da palavra da língua do TP ou em que existia mais do que um equivalente possível, procedeu-se novamente à pesquisa em dicionários e *corpora* paralelos. Temos, como exemplo, a palavra inglesa “socialization”, cujos equivalentes “socializar” e “sociabilizar” transmitiam igualmente o significado da expressão inglesa, contudo tinham também outros significados que não o de adoção de um comportamento considerado correto pela sociedade. Procedeu-se, deste modo, à comparação da sua utilização em textos correntes, através no motor de busca Google, e constatou-se que a palavra “socializar” está associada ao convívio entre amigos, enquanto a palavra “sociabilizar” está associada ao tornar sociável e ao civilizar alguém. Assim sendo, optou-se por utilizar a palavra “sociabilizar” (C.M., 2000).

Para algumas ocorrências de termos ou léxico comum cujos equivalentes levantaram problemas, os métodos utilizados para traduzir foram distintos. Logo no começo da tradução, surgiu uma destas ocorrências: escolha entre a tradução do adjetivo “black” como “negro/a” ou “preto/a”. Visto que a ocorrência de ambos é bastante comum, levantou-se a questão pragmática se algum destes adjetivos poderia ser considerado indelicado e, se sim, qual. Decidi, então, entrar em contacto com outros tradutores e com as pessoas que seriam mais diretamente afetadas por esta questão, pessoas negras, e coloquei esta questão. A resposta foi quase unânime: o adjetivo “negro/a” é considerado menos indelicado. Apesar da sua semelhança à palavra *nigger*, que, em inglês, tem um valor extremamente negativo quando proferido por pessoas não negras, em português esta palavra é a mais indicada se tencionamos ser respeitosos e, portanto, é mais apropriada para a tradução.

Nas restantes ocorrências em que um equivalente não foi encontrado, procedeu-se à utilização de estratégias de tradução, como, por exemplo, a expansão. Esta decisão do tradutor será explicada de forma mais aprofundada na secção 4.4.

4.1.2. Marcação de género em expressões nominais

A especificação do género dos elementos que ocorrem no interior de expressões nominais é um aspeto relativamente ao qual o inglês e o português têm um

comportamento distinto. Esta característica levantou uma questão na tradução da obra de bell hooks, que será analisada com alguma profundidade neste capítulo. Inicialmente, descreveremos as formas de especificação do gênero nos elementos nominais em inglês, seguindo-se a descrição da sua especificação em português e, por fim, mostraremos as opções tomadas relativamente à tradução da obra de bell hooks realizada no âmbito do projeto.

Como afirma Baker (2011), “English does not have a grammatical category of gender as such; English nouns are not regularly inflected to distinguish between feminine and masculine”, i.e., enquanto na língua portuguesa alguns nomes têm formas de marcação de gênero, na língua inglesa a distinção entre gêneros é realizada maioritariamente através de recursos lexicais ou morfológicos. Na seguinte tabela, estão representadas as diferentes formas de explicitar o gênero na língua inglesa, bem como alguns exemplos que as ilustram, informação retirada de Biber et al. (1999).

Referência realizada pelo pronome da 3. ^a pessoa do singular	Ex.: he/ she/ it
Especificação do gênero através da sua denominação	Ex.: male nurse/ female officer
Formação da palavra através de elementos de especificação de gênero	Ex.: Englishman/ policewoman
Formação da palavra através de elementos neutros	Ex.: chairperson/ townspeople

Tabela 1 – Diferentes formas de especificar o gênero na língua inglesa (Biber et al., 1999)

Na primeira linha da tabela, estão presentes os pronomes pessoais da terceira pessoa do singular da língua inglesa que, ao contrário do que acontece na língua portuguesa, têm três formas distintas: “*he*”/“*she*”/“*it*”. Na segunda linha da tabela, está ilustrada a especificação do gênero dos nomes através da denominação explícita de masculino (“*male*”) ou feminino (“*female*”) integrada na mesma palavra. Na terceira linha, encontramos a formação de palavra através da composição morfossintática de duas palavras em que a última especificará o gênero, indicando, neste caso, se o referente do nome é um homem ou uma mulher. Esta forma de especificação de gênero levantou algumas questões que se pautam pelo elevado número de ocorrências de palavra

compostas terminadas em “-man”, em comparação com o número escasso de palavras acabadas em “-woman”. Para colmatar esta desigualdade e de modo a evitar a especificação de géneros, hoje em dia, na língua inglesa, utiliza-se uma forma neutra, presente na quarta linha da tabela, a construção de palavras terminadas em “-person(s)” e “-people” para referir ambos os sexos ou em situações em que o género não está definido.

Apesar de esta questão ser específica deste par de línguas, no contexto deste trabalho e do tema da obra, a solução proposta poderia trazer consequências para a interpretação da obra e da mensagem que a autora pretende transmitir. Assim, as opções tomadas foram o resultado de uma reflexão atenta e de uma preocupação permanente de manter o sentido e a intenção do TP.

Embora seja verdade que, hoje em dia, “muitas das formações sociais dadas como definitivas têm sido quebradas e alteradas.” [...]” (Gouveia, 2008), a oposição de género em categorias nominais em português está ainda bastante consolidada, ao contrário de línguas que estão, por exemplo, a adotar cada vez mais um género neutro. No português, este ainda não é o caso. Os valores de géneros dos nomes continuam a ser apenas dois: o feminino e o masculino, sendo que o masculino é o valor não-marcado (Mateus et al., 2003) ou a forma geral (Mattoso Câmara, 1994, *apud* Mateus et al., 2003).

O comportamento dos nomes, porém, pode divergir relativamente à marcação de género. Apesar de, em muitos casos, a marcação do género feminino se caracterizar pela terminação em “a” dos elementos nominais, a especificação do género nos nomes em português pode realizar-se de outras formas. Para ilustrar os diferentes tipos de nomes, relativamente à sua marcação de género, foi elaborada uma tabela em que estes estão especificados, fazendo unicamente referência à marcação de género (uma vez que a forma dos nomes pode também divergir tendo em conta o número e o grau). Para a elaboração desta tabela, foram adotadas as designações propostas por Cunha e Cintra (2006).

Nomes comuns	Nomes que têm diferentes realizações do género	ex.: o rapaz/ a rapariga, o aluno/ a aluna
Nomes sobrecomuns	Quer a entidade seja feminina ou masculina, a palavra tem um só género.	ex.: a testemunha, o cônjuge, a pessoa
Nomes comuns de dois géneros	Têm uma só forma para os dois géneros, mas aceitam variação de género nos determinantes e nos adjetivos que os qualificam.	ex.: o/a estudante, o/a repórter, o/a intérprete
Nomes epicenos	Nomes de animais que têm apenas uma forma para ambos os géneros. A distinção é feita através das palavras “macho” ou “fêmea”.	ex.: o corvo, a cobra, a mosca
Nomes não admitem variação em número, nem contrastam em género	Geralmente, correspondem a nomes próprios.	ex.: Ana, Lisboa

Tabela 2 – Diferentes formas de especificar o género em português (Cunha e Cintra, 2006)

O problema para a tradução surge não só quando nos deparamos com os nomes comuns em inglês que, regra geral, não sofrem especificação de género, criando uma ambiguidade, mas também quando, em português, estes nomes têm de apresentar especificamente o género. A especificação em português, porém, não se fica unicamente pelos nomes, toda a expressão nominal tem de concordar em género, incluindo determinantes e adjetivos (Vilela, 1999) e, por vezes, verbos (se ocorrerem em formas participiais). Em inglês isto não acontece visto que, salvo as exceções que vimos na Tabela 1, nenhum constituinte da expressão nominal especifica o género.

Na obra de bell hooks, a questão da tradução destas expressões levantou-se com bastante frequência. Naturalmente, tratando-se de uma diferença entre as línguas de trabalho, este problema surge em qualquer tradução do inglês para o português. Na verdade, é um problema que, na maioria dos casos, quase passa despercebido ao tradutor,

uma vez que existem, normalmente, elementos contextuais que permitem identificar o valor género das expressões nominais que ocorrem no texto, sem qualquer dificuldade. Porém, numa obra como a que foi traduzida neste projeto, em que o foco é a igualdade de géneros e a luta pelo fim da opressão sexista, e ao longo da qual a autora argumenta a favor da participação dos homens no movimento feminista, a marcação de género em certas expressões nominais torna-se um elemento fundamental podendo uma opção de tradução “errada” desvirtuar ou mesmo anular a mensagem que a autora pretende transmitir.

Para efeitos de análise, fez-se um levantamento ilustrativo de algumas das ocorrências ambíguas quanto ao género e das respetivas soluções encontradas no TC. Uma vez que se tornaria bastante extenso tentar justificar individualmente todas as opções tomadas, apresentam-se unicamente os exemplos cuja escolha de género foi mais complexa.

Antes de tomar qualquer decisão relativamente à identificação do género nos exemplos que vimos, entrei em contacto com o instituto dirigido pela autora, bell hooks Institute, informando que trabalhei sobre a sua obra no âmbito do meu projeto de conclusão de Mestrado. Após receber um e-mail a reconhecer a mensagem que havia enviado, tomei a liberdade de colocar esta questão, explicando que, em português, era frequentemente necessária a marcação de género em categorias nominais e que uma falha na seleção da forma a utilizar poderia comprometer a visão da autora, e que este não era, de todo, o meu objetivo. Até ao dia de hoje, ainda não fui contactada de volta com uma resposta. Visto que o texto da autora tem uma grande componente argumentativa, em que a autora pretende demonstrar o seu ponto de vista e levar o leitor a aceitar e, talvez, a guiar-se segundo a sua perspetiva, uma falha na marcação de género poderia contradizer a autora e levar o leitor a compreender a sua intenção erradamente. Porém, sem informação dada pela autora ou pelo contacto intermediário do seu instituto, tive de tomar uma decisão, baseando-me no conhecimento que tenho da época em que o livro foi escrito, no pensamento da autora, transmitido no livro, e, acima de tudo, no contexto em que a expressão nominal se insere no texto. Nas situações em que o contexto não era totalmente claro, tive de tentar interpretá-lo da melhor forma e de decidir qual a opção a tomar.

Aqui, surgiu outra questão: em português, sendo a forma masculina a forma menos marcada, é esta que se utiliza em expressões nominais no plural quando estas são usadas para referir conjuntamente entidades do género feminino e do género masculino. Como afirma Baker (1992), “In most languages that have a gender category, the masculine term is usually the ‘dominant’ or ‘unmarked’ term.” O que significa que, ao utilizar a forma masculina plural, tanto poderia significar que as entidades eram unicamente do género masculino, como poderia significar que as entidades referidas eram de ambos os géneros. De modo a evitar esta ambiguidade, decidi, nestes casos, repetir a expressão, usando a coordenação, especificando, assim, os dois géneros, como será esclarecido em seguida.

Nos exemplos (50) e (51), ambas as expressões nominais apresentam os mesmos constituintes, o nome “*thinkers*” e o adjetivo “*feminist*” que classifica o nome. A sua tradução para o português implica a especificação do género, porém, no inglês, a informação que nos é dada pela expressão nominal não nos informa o género da entidade. Isto criou uma situação complexa em que o tradutor teria três vias por onde poderia seguir: optar por traduzir para “os pensadores feministas”, considerando que a entidade plural referida seria constituída unicamente por homens; para “as pensadoras feministas”, considerando que esta entidade seria constituída só por mulheres; ou “os pensadores feministas”, supondo que a entidade plural era composta tanto por homens como por mulheres. O contexto seria a única maneira de identificar qual o género mais adequado à expressão nominal

A expressão que ocorre no exemplo (51) não continha nenhum referente direto, porém, nos parágrafos anteriores à expressão, hooks afirma que “Feminist struggle takes place anytime anywhere any female or male resists sexism (...)” (Página xii, linha 10). Dado que, como já vimos, a utilização da forma masculina poderia ser interpretada como referindo apenas entidades masculinas ou como referindo entidades masculinas e femininas, optei, neste caso, por mencionar as palavras nos dois géneros de modo a que não houvesse ambiguidade.

(51)

<p>By the late 1970s feminist thinkers were already engaging in dialectal critique of the feminist thinking that had</p>	<p>Por volta do final da década de 70, os pensadores e pensadoras feministas já estavam envolvidos na crítica dialética do pensamento feminista que havia</p>
--	---

emerged from late-1960s radicalism. (Página xiii, linha 2)	surgido do radicalismo do final da década de 60. (Página viii, linha 15)
--	--

No exemplo (52), embora a expressão, no TP, fosse idêntica à do exemplo anterior, optei por considerar que a expressão referia unicamente entidades femininas, pois bell hooks menciona anteriormente: “Middle-class women shaping feminist thought assumed that the most pressing problem for women was the need to get outside the home and work (...)” (Página 96, linha 2).

(52)

Critiques, like Barber's, did not lead feminist thinkers at that time to re-examine their perspectives on women and work. (Página 97, linha 5)	Críticas como a de Barber não fizeram com que as pensadoras feministas reanalisassem as suas perspetivas relativamente às mulheres e ao trabalho. (Página 76, linha 24)
---	--

A expressão "*feminist educators*" que ocorre no exemplo (53) não apresenta um antecedente. No entanto, bell hooks dirige-se ao grupo de educadores em geral, de modo que optei por traduzir a palavra utilizando os dois géneros. A tradução pela forma masculina referindo os dois géneros, masculino e feminino, poderia ser ambígua e poderia dar a ideia de se tratar de uma crítica aos homens educadores.

(53)

The ability to "translate" ideas to an audience that varies in age, sex, ethnicity, degree of literacy is a skill feminist educators need to develop. (Página 112, linha 24)	A capacidade de "traduzir" ideias para um público de várias idades, sexos, etnias e graus de alfabetização é uma competência que os educadores e educadoras feministas têm de desenvolver. (Página 88, linha 23)
---	---

Nos exemplos (54) e (55), ao contrário dos exemplos anteriores, em que os nomes tinham, em português, formas diferentes para cada género – “pensador/pensadora”, “educador/educadora” –, as palavras “*activists*” e “*participants*”, traduzidas para português, são exemplos de nomes comuns de dois géneros, em que a distinção entre os géneros não é visível nos nomes em si, dado que “a forma morfológica é ambígua quanto ao género” (Villalva, 2003), sendo o determinante – ou, eventualmente, um adjetivo – que permite a marcação do género. Com efeito, os nomes “ativistas” e “participantes” podem ter três tipos de referentes: femininos, masculinos ou ambos. Os adjetivos, por sua vez, podem ser biformes ou uniformes, citando Vilela (1999), i.e., podem realizar o género morfológicamente – como, por exemplo, “nu/nua” – ou podem ser adjetivos de dois géneros e ter a mesma forma para os dois géneros – como é exemplo o adjetivo “feminista”. Deste modo tanto o nome “ativista” como o adjetivo “feminista” apresentam a mesma forma para os dois géneros, o que significa que o género do nome “ativistas” é unicamente marcado pelo determinante artigo que o precede.

Assim, em (54), tendo em conta que, no início do parágrafo em que este excerto se insere, a autora faz referência especificamente a “women organizing the feminist movement” (Página 109, linha 11), optei por traduzir o nome “*activists*” enquanto feminino, pelo que coloquei um determinante numa forma feminina.

(54)

Had feminist activists engaged in charting the movement's direction considered the issue of literacy [...] (Página 109, linha 18)	Se as ativistas feministas que traçam o rumo do movimento tivessem em consideração a questão da alfabetização [...] (Página 86, linha 7)
--	---

No caso ilustrado em (55), não é apresentado um referente específico, no entanto bell hooks menciona, no início desse parágrafo, que “Not all women, in fact, very few, have had the good fortune to live and work among women and men actively involved in feminist movement” (Página ix, linha 1). Por conseguinte, optei por considerar que, ao usar a expressão “*feminist activists*”, hooks se referia a entidades de ambos os sexos. Na especificação do género, ao contrário do que decidi para expressões anteriores, optei, então, por utilizar a forma masculina referente aos dois géneros, pois, em seguida, hooks esclarece que a este grupo pertencem também mulheres.

(55)

It was my hope that the publication of this work would draw me closer to feminist activists , especially black women. (Página ix, linha 6)	Tinha esperança de que a publicação desta obra me aproximasse dos ativistas feministas , mais especificamente das mulheres negras. (Página vi, linha 5)
---	--

No exemplo (56), hooks refere especificamente de um grupo de mulheres: “Bourgeois white women active in feminist movement presented their struggle to obtain power in the terms set by the existing social structure as a necessary prerequisite for successful feminist struggle” (Página 86, linha 17). A especificação do género foi, então, neste caso, explicitada pelo advérbio na forma feminina “muitas”, que está a quantificar o nome “participantes”.

(56)

Many participants in feminist movement sincerely believed that women were different from men and would exercise power differently. (Página 86, linha 25)	Muitas participantes no movimento feminista acreditavam honestamente que as mulheres eram diferentes dos homens e que iriam exercer o poder de forma diferente. (Página 68, linha 1)
---	---

Ao longo de toda a obra, a autora cita diversos excertos de obras de autores do sexo masculino, como Benjamin Barber, James Boggs, Bob Greene, Paulo Freire, etc., criticando os pontos de vista de alguns destes, mas também defendendo as perspetivas de outros que considera serem bons apoiantes do feminismo. Por esta razão, sempre que não foi possível identificar qualquer antecedente da expressão nominal ambígua que referisse diretamente algum grupo de mulheres, optei por especificar ambos os géneros, em vez de utilizar a forma masculina referentes aos dois géneros, uma vez que, como já foi referido, esta, sendo ambígua, poderia suscitar uma interpretação diferente da pretendida. Cada decisão foi muito bem ponderada antes de ser tomada, de modo a salvaguardar os interesses da autora e da obra.

A questão abordada ao longo desta secção é um exemplo de uma vantagem da tradução humana – ou, pelo menos, da tradução com intervenção humana – relativamente

à tradução exclusivamente automática. Tratando-se de opções de tradução que são tomadas com recurso ao contexto, e muitas vezes baseadas em fatores extratextuais – como o conhecimento de fenómenos e acontecimentos de natureza cultural e política, por exemplo –, não são controláveis por um tradutor automático.

Ao mesmo tempo, a apresentação que fizemos nesta secção espelha uma componente do trabalho tradutório e da pesquisa e reflexão que este trabalho envolve na procura de uma tradução adequada e o mais possível fiel ao TP.

4.2. Aspectos de textualidade

Neste capítulo, serão analisados alguns aspetos relacionados com a estrutura textual da obra traduzida no âmbito deste projeto, nomeadamente aspetos relacionados com coerência e coesão textual e com a intertextualidade. Para esta análise, recorreu-se sobretudo às gramáticas de Mateus et al. (2003), nomeadamente à secção sobre textualidade proposta por Duarte, de Vilela (1999), e ao estudo das propriedades da textualidade proposto por Beaugrande e Dressler (2001).

Sempre que um discurso é proferido ou escrito, os elementos linguísticos que o constituem unem-se para formar algo com sentido. Estes elementos, palavras, frases, parágrafos são interligados de forma restrita, no sentido em que têm de obedecer a certas regras, gramaticais, pragmáticas e textuais. As unidades que constituem o texto dependem não só de uma estrutura interna regulamentada, mas também de uma ligação ao universo exterior ao texto. Esta ligação interior e exterior, de que decorre a coesão e a coerência textual, permite que um texto tenha sentido e, posto isto, permite a comunicação.

[O texto] caracteriza[-se] por constituir um todo estruturado, coerente, adequado a determinados propósitos comunicativos e que inclui o conjunto necessário de enunciados para levar a bom termo essa comunicação. (Mendes, 2013)

A textualidade define-se através de determinadas propriedades que determinam que um conjunto de elementos linguísticos é um texto, e não um conjunto de frases isoladas e desprovidas de sentido (Duarte, 2003). A textualidade pode remeter não só para

a forma como o texto escrito ou falado foi elaborado, mas também para outros textos que estão intrinsecamente ligados a este. Para que o leitor ou ouvinte descodifique o texto, pode necessitar de ter conhecimento destes textos externos ao principal. Esta relação e comunicação entre textos é, normalmente, designada intertextualidade.

Segundo Beaugrande e Dressler (2001), existem sete propriedades que nos ajudam a identificar o que é um texto. São estas a coesão, a coerência, a aceitabilidade, a intencionalidade, a informatividade, a situacionalidade e a intertextualidade. Duarte (2003), por sua vez, indica cinco propriedades de textualidade: aceitabilidade, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, conectividade. Sendo que a última se divide em conectividade sequencial e conectividade conceptual.

Seguidamente, será apresentada uma breve definição de cada propriedade da textualidade e, posteriormente, serão analisadas mais aprofundadamente as propriedades que foram motivo de mais atenção na tradução do texto de bell hooks: a intertextualidade, a coesão e a coerência.

Segundo Duarte (2003), a aceitabilidade é a propriedade que está mais especificamente relacionada com o leitor e/ou ouvinte. Cabe ao leitor e/ou ouvinte considerar se o texto que está a interpretar é dotado ou não de sentido. Cabe também ao leitor e ou/ouvinte decidir se quaisquer desvios e/ou imprecisões no texto são tolerados. O interlocutor tem, então, de moldar ou adaptar o seu discurso tendo em mente a forma como o leitor/ouvinte irá interpretá-lo.

Por sua vez, a situacionalidade está relacionada com a pertinência de um texto num determinado contexto, ou seja, com todos os fatores que fazem parte da articulação de um texto, como, por exemplo, o interlocutor e o alocutário, a sua localização e “os fatores reguladores da interação verbal” (Duarte, 2003).

No que diz respeito à informatividade, está relacionada com o grau de incerteza e de expectativa que um leitor e/ou ouvinte tem de um determinado texto. Quanto mais inesperada for a informação transmitida, maior será a atenção do leitor e/ou ouvinte, uma vez que mais informativo será o texto.

A intertextualidade está relacionada com a relação entre o texto e outros textos que possam ser mencionados ou que sejam importantes para a compreensão desse texto e que se assume pertencerem ao conhecimento anterior do leitor e/ou ouvinte. Esta

propriedade está dependente do conhecimento comum partilhado pelo leitor e/ou ouvinte e faz-se notar através de citações, comentários, menções a outros textos, etc.

Por fim, a conectividade diz respeito, de acordo com Duarte (2003) à ligação sequencial (coesão textual) e à ligação conceptual (coerência textual). Estas propriedades estão mais relacionadas com a organização do texto e menos com o contexto da comunicação, como as propriedades acima mencionadas. A conectividade sequencial ou coesão textual diz respeito à “ordenação linear dos processos linguísticos” (Duarte, 2003), à referência a entidades mencionadas anteriormente no texto, à ligação entre frases e à ligação “entre situações expressas nas frases”. Por sua vez, a conectividade conceptual ou coerência textual, como indica Duarte (2003) “assegura que as relações entre as entidades e as situações estão acessíveis aos falantes, são lógicas para eles e são adequadas ao seu conhecimento do mundo”, isto é, assegura que qualquer texto mencionado esteja adequado ao conhecimento do leitor e/ou ouvinte, que o conteúdo do texto esteja interligado de forma semelhante ao mundo real.

A coesão textual está intimamente relacionada com a ligação entre constituintes da frase e entre unidades do texto. Esta propriedade divide-se em coesão gramatical e coesão lexical. Duarte (2003) afirma: “as expressões linguísticas que entram numa relação de coesão lexical caracterizam-se pela co-presença de traços semânticos [...] idênticos ou opostos”. São vários os processos de coesão lexical, designadamente a reiteração, i.e., repetição, e a substituição, que se realiza através da sinonímia e antonímia, a hiperonímia e hiponímia e da holonímia e meronímia. Por sua vez, a coesão gramatical divide-se em coesão frásica, coesão interfrásica, coesão temporal e coesão referencial. Uma vez que, no texto de bell hooks, surgiram algumas questões relativamente à coesão interfrásica, só este tipo de coesão será abordado de forma mais aprofundada neste relatório.

O texto de bell hooks traduzido no âmbito deste projeto, devido à sua natureza e aos seus objetivos, apresenta, com bastante frequência, referências explícitas a outros textos, muitas vezes através de citações diretas. Assim, a intertextualidade é uma das propriedades que se destaca nesta obra.

Embora, muitas vezes, as citações de outros textos ocorram, no texto de bell hooks, como fragmentos textuais autónomos, é também frequente a sua integração no discurso da autora. Frequentemente, a articulação de diferentes sequências textuais de

outros textos dentro de um texto traz falhas de coesão, sobretudo interfrásica, em que a ligação entre os dois textos parece inexistente. bell hooks utiliza várias formas de introduzir as citações, que atribuem ao texto uma ligação, permitindo manter a coesão. Quer seja através de uma continuidade entre o discurso da autora e a citação, como se de uma única frase se tratasse, como vemos no exemplo (57), quer seja através de uma introdução em que a citação é situada como tendo sido proferida ou escrita por determinado autor, como vemos no exemplo (58), quer seja através da inserção da citação como um complemento do texto original, como se de um aparte se tratasse, como vemos no exemplo (59), em que a citação corresponde a uma especificação da informação transmitida anteriormente, o leitor consegue enquadrar estas referências ao contexto do discurso de bell hooks, uma vez que a coesão textual é assegurada pela autora.

(57)

<p>Feminist movement to eradicate heterosexism – compulsory heterosexuality – is central to efforts to end sexual oppression. In the introduction to <i>No Turning Back: Lesbian and Gay Liberation for the 80's</i>, Geere Goodman, George Lakey, Judy Lakey, and Erika Thorne define heterosexism as the:</p> <p>suppression and denial of homosexuality with the assumption that everyone is or should be heterosexual and, second, a belief in the inherent superiority of the dominant-male/ passive-female role pattern. Heterosexism results in compulsory heterosexuality which cripples the free expression and mutually supportive relationships of heterosexuals as well as of lesbians and gay men. (Página 152, linha 15)</p>	<p>O movimento feminista pela erradicação do heterossexismo – heterossexualidade obrigatória – é fundamental para tentar acabar com a opressão sexual. Na introdução de <i>No Turning Back: Lesbian and Gay Liberation for the 80's</i>, Geere Goodman, George Lakey, Judy Lakey e Erika Thorne definem o heterossexismo como:</p> <p>a repressão e a negação da homossexualidade com o pressuposto de que todos são ou devem ser heterossexuais e, em segundo lugar, uma crença na superioridade inerente do modelo dos papéis homem-dominante/ mulher-passiva. O heterossexismo dá origem a uma heterossexualidade obrigatória que paralisa a liberdade de expressão e o apoio conjunto a relações de heterossexuais, tal como de lésbicas e de homens gays. (Página 119, linha 5)</p>
--	--

(58)

<p>As Stephen Heath comments:</p> <p>The real problem and task is always one of social revolution. Privileging the sexual has nothing necessarily liberating about it at all; indeed, it functions only too easily as an instance by development of and reference to which society guarantees its order outside of any effective process of transformation, produces precisely a containing area and ideology of "revolution" or "liberation." (Página 158, linha 8)</p>	<p>Como comenta Stephen Heath:</p> <p>O verdadeiro problema e tarefa é sempre uma revolução social. Privilegiar o que é sexual não tem nada de necessariamente libertador; de facto, funciona demasiado bem, a título de exemplo, como desenvolvimento da sociedade e como referência a partir da qual a sociedade garante a sua ordem para além de qualquer processo de transformação eficaz, produzindo precisamente uma área e ideologia que albergam a "revolução" ou a "libertação". (Página 123, linha 29)</p>
--	--

(59)

<p>In the July 1983 issue of <i>In These Times</i>, a letter written by Theresa Funciello was published on the subject of poor women and the women's movement which shows the nature of racism within feminist movement:</p> <p>Prior to a conference some time ago on the Urban Woman sponsored by the New York City chapter of NOW, I received a phone call from a NOW representative (whose name I have forgotten) asking for a welfare speaker with special qualifications. I was asked that she not be white-she might be "too articulate"- (i.e. not me), that she not be black, she might be "too angry." Perhaps she could be Puerto Rican? She should not say anything political or analytical</p>	<p>Na edição de julho de 1983 da revista <i>In These Times</i>, foi publicada uma carta escrita por Theresa Funciello sobre as mulheres pobres e o movimento das mulheres, que expõe a natureza do racismo dentro do movimento feminista:</p> <p>Antes de uma conferência, há algum tempo, no Urban Woman, patrocinada pela sede de Nova Iorque da NOW, recebi uma chamada de uma representante da NOW (de cujo nome não me recordo) pedindo-me uma oradora da Previdência Social com qualificações específicas. Pediram-me que não fosse branca – para que não fosse "demasiado eloquente" – (i.e., eu não poderia ser), que não fosse negra, pois poderia ser "demasiado indignada". Talvez pudesse ser porto-riquenha? Não deveria dizer nada político ou analítico, devia antes limitar-se</p>
---	--

but confine herself to the subject of "what the women's movement has done for me." (Página 55, linha 16)	ao tema "o que o movimento das mulheres fez por mim". (Página 42, linha 9)
---	--

Como afirma Figueiredo (2008), “a coerência é sempre uma actividade interpretativa do leitor ou ouvinte”. Posto isto, a quantidade de informação externa ao texto dada pelas citações poderia provocar a existência de falhas na comunicação. Os leitores que não tenham um conhecimento aprofundado de obras feministas poderão aperceber-se de que muitas das obras que hooks comenta lhe são desconhecidas e, conseqüentemente, poderá haver uma incompreensão que, eventualmente, levante problemas de coerência. Cabe ao autor do texto construir um texto coerente, que guie o leitor e facilite a interpretação, como declara Shreve (1992, *apud* Carstens, 2002), quando afirma: “A coherent text has an *underlying logical structure* that acts to guide the reader through the text”. bell hooks tenta fazer isso mesmo, por intermédio da contextualização da obra ou dos discursos que cita. Apresenta, além disso, os motivos pelos quais fez essa referência, ou para reconhecer ou para refutar a opinião do respetivo autor.

Tendo em conta os fatores referidos nesta secção sobre os aspetos da textualidade, podemos concluir que a obra de bell hooks é coesa e coerente, tendo estas características sido mantidas no TC. Assim, embora a questão das conexões entre o discurso da autora e as referências ou citações de outros textos não tenha constituído um obstáculo para a tradução, este foi um aspeto que mereceu uma atenção especial ao longo do processo tradutório.

4.3. Marcas culturais: as formas de tratamento

Segundo a definição apresentada pelo *Dicionário Universal da Língua Portuguesa* (1972), a cultura é um “sistema de valores, conhecimentos, técnicas e artefactos, de padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma determinada sociedade”. Por outro lado, Newmark (1988) define cultura como “the way of life and its manifestations that are peculiar to a community that uses a particular language as its means of expression”. Por conseguinte, a cultura e tudo o que ela engloba são fatores sem os quais a tradução seria irrealizável. Sem um conhecimento do contexto cultural da língua de partida e da língua de chegada, o tradutor cometerá erros graves na tradução.

Isto deve-se ao facto de a cultura estar a par com a língua, i.e., ambas necessitam da outra para serem perceptíveis.

De facto, nenhuma língua é independente da sua cultura e cada língua conceptualiza a sua realidade de forma distinta das outras. Newmark (1988) propõe um conjunto de categorias gerais que utiliza para classificar palavras específicas da cultura em que se inserem. São estas as características geográficas, como fauna e flora, relevo ou fatores meteorológicos; a cultura material, nomeadamente a alimentação, o vestuário, os edifícios, transportes, etc.; a cultural social, como, por exemplo, as atividades de lazer e a política; a vida política, sobretudo em termos institucionais, em termos da história, em termos internacionais, em termos religiosos ou em termos artísticos. E, por fim, Newmark menciona que cada cultura tem os seus gestos e hábitos específicos, como, por exemplo, as formas de tratamento, como abordaremos mais à frente. Para que o tradutor realize uma tradução o mais honesta possível, terá de trabalhar com as diferentes línguas juntamente com os conhecimentos aprofundados destas categorias e outras que poderão surgir em cada cultura em particular.

A questão levantada relativamente à cultura de cada língua na tradução é a da lacuna que poderá existir entre conceitos de uma cultura e de outra. Quando uma palavra é desprovida de contexto, existe, por vezes, um número bastante alargado de interpretações que esta poderá ter, ao passo que, se estiver contextualizada, a sua interpretação será mais particular. Se o tradutor não tiver um conhecimento consolidado das duas culturas com as quais está a trabalhar, terá dificuldade em identificar e interpretar essa palavra e o resultado poderá ser uma tradução imprecisa.

Nenhuma língua é independente da sua cultura, portanto, apesar de o interlocutor/escritor poder proferir um discurso coeso, para que este seja perceptível pelo recetor/leitor, ele tem de ter algum conhecimento do mundo que o rodeia.

Esta é uma das dificuldades que ocorrem mais frequentemente na tradução: as marcas culturais específicas. A dificuldade encontra-se não só na sua descodificação, como também na passagem destas marcas culturais para uma língua que está inserida noutra cultura, por vezes, completamente diferente, e cujos falantes poderão não compreender. Como afirma Shreve (2012, *apud* Almeida, Cruz, Ramos, 2016), “Translation is a unique process, both cross-cultural and cross-linguistic. A piece of writing sited in one culture and communicative context must be re-sited in another”. Se o

tradutor falhar nesta descodificação ou na transmissão, o leitor poderá sentir alguma estranheza, pois o conhecimento do mundo do leitor do TC poderá ser mais escasso quando se trata de uma cultura diferente. Posto isto, o tradutor terá de resolver a forma como lida com estas marcas, quer seja mantendo-as, explicando-as ou, até, omitindo-as.

Note-se que, apesar de a distância que existe entre as diversas culturas poder dificultar o processo de tradução, esta distância está cada vez mais a diminuir devido à comunicação global, através dos meios de comunicação e redes sociais, sobretudo no par de línguas referido neste trabalho.

Ao longo do texto traduzido, levantou-se uma questão pragmática diretamente relacionada com fatores de natureza cultural, principalmente no que diz respeito às interações entre os falantes. Esta questão refere-se à divergência em formas de tratamento entre inglês e em português, nomeadamente a utilização do pronome “you” em inglês e os equivalentes que são usadas em português.

É seguro afirmar que o inglês tem um sistema de formas de tratamento bastante diferentes do de algumas línguas românicas e, até, germânicas, como são exemplo o francês, o italiano, o português e o alemão. É seguro também afirmar que o português, entre as línguas mencionadas acima, tem algumas particularidades mais complexas em relação às formas utilizadas para se referir a outras pessoas. Esta questão será analisada mais a fundo nos seguintes parágrafos, de modo a enquadrar as escolhas tomadas ao longo da tradução realizado no âmbito deste projeto.

Logo após começarmos a aprender uma língua, um dos grandes objetivos é, nomeadamente, a interação com pessoas que falam essa língua. Juntamente com esse desejo de manter um diálogo com alguém que domine essa língua, vem também o anseio de tratar essa pessoa de forma cortês que não seja de todo ofensiva. O problema surge as línguas possuem formas de tratamento que não são diretamente equivalentes. Este é o caso do português e do inglês, como afirma Cintra (1972, *apud* Zemeng, 2016) “A primeira coisa que se deseja fazer com uma língua é falar com as pessoas. Mas, em Portugal, uma pessoa está sujeita a ser interpelada de quatro, ou mesmo de cinco modos diferentes e a cada um desses modos está associado um grau diverso de intimidade ou de respeito, cada um deles fixa firmemente o tipo de relação entre a pessoa interpelada e a pessoa que se lhe dirige”.

Na língua inglesa, quando nos dirigimos a uma pessoa, a decisão que temos de tomar relativamente à escolha da forma de tratamento é bastante simples. Recorrendo ao pronome pessoal da segunda pessoa “you”, estamos seguros de que não cometeremos qualquer erro, uma vez que esta forma é utilizada para referir uma entidade ou mais entidades, como declara Finegan (2011): “the second-person pronoun *you* is used for reference to both singular and plural entities”. Por outro lado, o uso do pronome “you” é adequado em situações com diferentes graus de formalidade.

Em grande parte das línguas latinas ou românicas, nas quais se insere o português, o caso é outro. No francês e no espanhol, por exemplo, são utilizados diferentes pronomes com o valor de segunda pessoa: respetivamente “tu/ vous” e “tú/ usted”. A sua utilização está dependente do grau de intimidade ou de cortesia. No português, a situação complica-se, pois, como refere Lešvoká (2012), “[...] em Português Europeu existe uma oposição entre tu para a intimidade, você como forma de transição que não implica a intimidade e o número excessivo de formas nominais como o/a senhor/a, a Maria/ Vossa Excelência/ o senhor Doutor/ a D. Maria, etc. para a cortesia”. A escolha entre uma forma ou outra traz, por vezes, alguns suores frios até mesmo aos nativos da língua, uma vez que uma falha na escolha poderá ser tida como indelicadeza. A sua escolha depende de diversos fatores externos à língua, como, por exemplo, o grau de intimidade entre falantes, ou seja, a sua relação de afetividade, a relação de poder entre falantes, como, por exemplo, diferentes classes sociais ou posições hierárquicas, ou, até, a diferença de idades. Saraiva (2002, *apud* Zemeng, 2016) afirma que “A forma de tratamento seleccionada depende, por um lado, de factores como a idade, a educação e a posição social do interlocutor e, por outro, do conhecimento que o falante tem das questões associadas a cada uma das formas de tratamento empregues em detrimento das outras, visto que a selecção depende, em última análise, da cultura linguística e do ambiente social e regional dos falantes.”

Regra geral, o falante de português europeu opta por utilizar o pronome pessoal “tu” para situações mais informais, Cunha e Cintra (2006), e, para contextos mais formais ou em que não existe qualquer relação entre os falantes, utiliza-se um tratamento mais formal, como, por exemplo o pronome de tratamento “você” ou formas de tratamento nominais, como, por exemplo, o Sr. ou a Sr.^a (Cintra, 1972, *apud* Zemeng, 2016). Outra das formas de tratamento possíveis consiste na omissão do sujeito e na utilização de formas verbais de terceira pessoa, como vemos no exemplo (60).

(60)

Quer boleia?

A questão que se levantou na tradução do livro de bell hooks, foi uma particularidade das formas de tratamento na língua inglesa que em português se realiza de forma distinta: a utilização da segunda pessoa do singular “you” para se referir a uma entidade geral, i.e., às pessoas em geral. Este “you” tem o mesmo comportamento que a forma “one” em inglês, como vemos nos exemplos (61) e (62), apresentados por Biber et al. (2007).

(61)

You've got to be a bit careful when you're renting out though.

(62)

One cannot say it of a person. But if one could, one would say it of these young persons.

Esta referência a uma entidade geral é também utilizada em português, a sua realização, porém, é feita de maneira diferente. Na língua inglesa, é comum a utilização desta forma de tratamento, principalmente em textos explicativos ou instrutivos, em que são dadas instruções, que servem de guias ou que mencionam situações hipotéticas. Apesar de, na língua portuguesa, se começar a utilizar esta forma de tratamento, influenciada pela tradução literal de alguns textos e pela assídua presença do inglês na comunicação social e nas redes sociais, e também pela necessidade de chegar a um público mais jovem, ainda não é muito comum utilizar a segunda pessoa do singular para nos referirmos a um destinatário geral. A sua utilização implicaria um conhecimento íntimo da entidade à qual nos estamos a dirigir e a sua utilização seria considerada informal por muitos.

Assim sendo, nesta tradução do livro de bell hooks, optou-se por não utilizar o pronome pessoal “tu”, mas antes outras formas de conseguir o mesmo efeito discursivo. Decidimos recorrer à utilização do pronome pessoal da primeira pessoa do plural “nós”, à utilização de construções impessoais, em que o sujeito não é expresso, ou através do pronome reflexivo “se” (Lešková, 2012) para nos dirigirmos a um público geral. Nos

exemplos abaixo, estão ilustradas as ocorrências do pronome “you” no TP e as soluções encontradas para a tradução.

No primeiro caso, exemplo (63), foi utilizada, em português, uma construção passiva, mantendo-se a oração subordinada adverbial condicional precedida pela conjunção “se”. O sujeito deixa de estar especificado, tornando-se indefinido.

(63)

Chances are if you were to present them with every mainstream feminist belief, they would go along with the beliefs to the letter (...). (Página 24, linha 27)	O mais provável é que, se lhes fossem apresentadas todas as crenças feministas dominantes, elas concordassem com essas crenças (...). (Página 19, linha 18)
---	--

No exemplo (64), optámos por uma construção impessoal, através da utilização do pronome “se”.

(64)

The richer you are, the less you generally have to acknowledge those you depend upon. (Página 79, linha 2)	Quanto mais rico se é , menos se tem de reconhecer que se depende dos outros. (Página 61, linha 21)
---	--

No exemplo (65), a ocorrência do pronome no TP torna o leitor interpelado o beneficiário da ação, enquanto no TC se elimina essa interpelação, tendo-se optado por uma construção com um infinitivo.

(65)

Money can buy you a great deal of distance. (Página 79, linha 4)	O dinheiro pode comprar muita distância. (Página 61, linha 22)
---	---

Nos três exemplos apresentados abaixo, (66), (67) e (68), os pronomes “your/you” no TP foram substituídos por pronomes (realizados ou nulos) de primeira pessoa do plural no TC. Deste modo, não se interpela tão diretamente o leitor, mas mantém-se o efeito de incluir o leitor nas situações descritas.

(66)

It requires confidence that your thoughts are worth pursuing and that you can make a difference... (Página 116, linha 16)	Requer confiança no valor das nossas ideias e confiança na possibilidade de fazermos a diferença... (Página 91, linha 20)
---	--

(67)

When you examine the context in which parents suffer their children, it is easier to understand how the victim – and the abuser – equate the violence with love. (Página 124, linha 1)	Quando examinamos o contexto em que os pais fazem sofrer os filhos, é mais fácil compreendermos que a vítima – e o opressor – equiparem a violência ao amor. (Página 97, linha 8)
---	--

(68)

If you have health, strength, energy, and financial assets to give to children, then do so. (Página 146, linha 18)	Se temos saúde, força, energia e ativos financeiros para dar às crianças, então façamo-lo . (Página 113, linha 12)
---	--

Os dados apresentados mostram, então, uma das vertentes do trabalho tradutório: a adaptação a realidades culturais distintas, de forma a chegar a traduções adequadas não só do ponto de vista gramatical, mas também em termos pragmáticos.

4.4. Procedimentos/estratégias de tradução utilizados

O processo de tradução implica muito mais do que uma transferência de palavras de uma língua para outra. Entre outros fatores, envolve uma procura de equivalentes entre uma língua e outra e, visto que as línguas conceptualizam de forma distinta, esta procura nem sempre é fácil ou completamente bem-sucedida.

Salvo algumas exceções, o tradutor tenta manter-se fiel ao conteúdo do texto, tentando encontrar equivalentes para a LC, o que Newmark (1988) denomina de «equivalent effect». Porém, o processo de tradução, muitas vezes, implica fazer um

conjunto de escolhas referentes a palavras e/ou expressões que não têm um equivalente fixado na LC. Por vezes, palavras que estão embrenhadas na cultura de uma determinada LP podem não ter equivalente na cultura da LC. Como Vinay e Darbelnet (1995) afirmam, “It may [...] also happen that, because of structural or metalinguistic differences, certain stylistic effects cannot be transposed into the TL without upsetting the syntactic order, or even the lexis.” Isto implica que sejam utilizados procedimentos que auxiliam o tradutor a colmatar estas dificuldades sintáticas e/ou lexicais. Note-se que alguns autores distinguem estratégia de método de tradução. Newmark (1988) refere que “[w]hile translation methods relate to whole texts, translation procedures are used for sentences and the smaller units of language”. As estratégias são, assim, ferramentas que auxiliam o tradutor a traduzir um texto da forma mais fidedigna e adequada possível.

Foram vários os autores que formularam teorias relativas aos procedimentos de tradução, todavia, neste relatório, serão apenas abordados os procedimentos propostos por Vinay e Darbelnet (1977) e alguns dos procedimentos propostos por Newmark (1988). Nas tabelas abaixo, serão apresentados os procedimentos propostos pelos autores, bem como a sua explicação e um exemplo apresentado pelos mesmos. O objetivo da criação destas tabelas foi o esclarecimento de quais os procedimentos existentes para auxiliar o tradutor na escolha da melhor solução possível para os problemas encontrados.

Na Tabela 3, estão representados os procedimentos de tradução propostos por Vinay e Darbelnet (1977). Estes procedimentos dividem-se em dois métodos de tradução: a tradução direta, também chamada de tradução literal, e a tradução oblíqua, uma tradução mais livre, em que o tradutor tem a liberdade de optar por outros métodos que possibilitem a criação de equivalentes.

Tradução direta	Empréstimo	Apropriação, pela LC, de uma palavra da LP.	ex.: déjà vu, sushi
	Decalque	Empréstimo da LP, mas adaptado literalmente para a gráfica da LC.	ex.: meisterstück (DE) > masterpiece (EN), spaghetti (IT) > esparguete (PT)
	Tradução literal	transferência direta do TP para um TP gramatical e com sentido.	“Mein Hund hat Fell.” (DE) > “O meu cão tem pelo.” (PT)
Tradução oblíqua	Transposição	Mudança de estrutura ou de categoria gramatical, sem alterar o seu significado.	“Before he arrives.” (EN) > “Antes da sua chegada.” (PT)
	Modulação	Mudança do ponto de vista. É utilizada em situações em que a palavra ou expressão está correta gramaticalmente, mas pragmaticamente causa estranheza.	“You cannot smoke here.” (EN) > “É proibido fumar aqui.” (PT)
	Equivalência	Utilização de uma expressão já reconhecida na LC, explicando a mesma situação.	„Wie du mir, so ich dir.“ (DE) > “Olho por olho, dente por dente” (PT)
	Adaptação	Substituição da palavra ou expressão por uma que seja mais reconhecida no ambiente cultural da LC.	Baseball (EN) > Futebol (PT)

Tabela 3 – Procedimentos de tradução propostos por Vinay e Darbelnet (1977)

Na Tabela 4, estão apresentados unicamente alguns dos procedimentos propostos por Newmark (1988), dado que a lista de procedimentos que este sugere é algo extensa. A seleção dos procedimentos aqui mencionados está relacionada com a sua aplicação aos problemas encontrados na obra ou com o esclarecimento do seu significado comparativamente com outros procedimentos que pudessem parecer semelhantes.

Equivalência funcional	Generalização ou neutralização de uma expressão cultural através da utilização de uma expressão não específica da cultura de partida.	Abitur (DE) > Exame final do ensino secundário (PT)
Equivalência descritiva	Generalização ou neutralização de uma expressão cultural através de uma descrição.	Samurai, aristocrata japonês dos séculos XI até XIX.
Redução	Contrário de expansão. Supressão de palavras no TC que sejam redundantes ou que, simplesmente, não sejam necessárias à transmissão de significado.	computer science (EN) > informática (PT)
Expansão	Utilização de mais palavras no TC, para reforçar a palavra do TP, uma vez que a palavra equivalente do TC não transmitiria todo o seu significado.	Yellowstone (EN) > parque de Yellowstone (PT)
Notas, acréscimos, glossários	Informação adicional que o tradutor acrescenta, utilizando notas de rodapé, glossários, notas no final do texto ou livro.	

Tabela 4 – Procedimentos de tradução propostos por Newmark (1988). (Nesta tabela estão indicados somente cinco procedimentos dos dezassete procedimentos propostos por este autor).

Para efeito deste relatório, serão tidos em conta unicamente os procedimentos que foram utilizados para resolver casos de palavras e/ou expressões que causaram algum tipo de problema ou que impediriam a adequação do texto traduzido. São exemplo as palavras que se referem a expressões culturais inexistentes em português ou expressões criadas pela língua do TP para conceptualizar determinada situação ou característica da cultura de partida.

Na Tabela 5, estão indicadas algumas das palavras ou expressões que levantaram algum tipo de problema ao longo da tradução, contudo, visto que o texto é bastante extenso, não serão apresentados todos os exemplos. A tradução literal destas palavras ou expressões implicaria que a adequação do texto fosse comprometida e que, conseqüentemente, o leitor do TC sentisse alguma estranheza e/ou tivesse dificuldade em compreender.

Texto de partida	Texto de chegada	Procedimento/ estratégia de tradução
<i>sophomore year</i>	segundo ano da faculdade	equivalência funcional
<i>commencement address</i>	discurso inaugural	equivalência funcional
<i>position papers</i>	documentos onde manifestavam as suas posições	expansão
<i>chicana</i>	chicana	empréstimo
<i>to trash</i>	crítica extrema	expansão
<i>station wagon</i>	carro familiar	equivalência funcional
<i>the help</i>	as empregadas	equivalência funcional
<i>heterosexism</i>	heterossexismo	decalque
<i>empowerment</i>	empoderamento	decalque
<i>liberationist</i>	que defende a libertação	explicação ou descrição
<i>welfare</i>	apoio social	equivalência funcional

Tabela 5 – Expressões que levaram a tradutora a recorrer aos vários procedimentos de tradução propostos por Vinay e Darbelnet (1977) e por Newmark (1988)

O último procedimento proposto por Newmark (1988) diz respeito às notas, acréscimos e glossário. No presente trabalho, utilizei tanto as notas de rodapé como um glossário, que serão referidos mais a fundo as secções 4.7. e 4.1.1. respetivamente. As notas de rodapé serviram, entre outras coisas, para clarificar alguma palavra ou expressão cujo significado pudesse ter ficado perdido na tradução ou na aplicação de um procedimento de tradução.

4.5. Tradução das citações e excertos de outros textos

A obra de bell hooks, sendo um texto predominantemente argumentativo, está, como já foi referido atrás, carregada de citações de obras de outros autores/as que, de certo modo, debateram também o feminismo ou temas diretamente relacionados com o feminismo. Como seria impossível ler todas as obras mencionadas neste livro, de modo

a compreender o contexto em que se inserem, as citações que surgiram ao longo do texto foram traduzidas tendo em conta a introdução apresentada pela autora e uma pesquisa adicional da obra e/ou do autor dos textos citados.

A grande dificuldade que estas citações originaram foi a necessidade de traduzir diferentes estilos de escrita de diversos autores e de decidir se deveria procurar uma maior coerência ao longo do texto, uniformizando o registo de todos os textos, ou se cada texto deveria ser encarado como um excerto externo ao texto, mantendo-se as suas particularidades. Newmark (1988) defende que “[...] you still have to make that passage sound natural, which will usually depend on the degree of formality (...) you have decided on for the whole text”, o que só demonstra que tudo depende do texto que está a ser tratado.

No texto de bell hooks, a presença de citações foi encarada como as vozes de várias pessoas que têm formas distintas de expressar a sua opinião e que unem diferentes registos de língua. Por exemplo, no excerto da antologia *Women of Crisis* (Página 62, linha 15), de cuja autora só é explícito o primeiro nome, Helen, o registo de língua é um registo corrente e, até, popular, com recurso a expressões como “hold on to”, “missus”, “big fat pay checks”. Já o excerto de *Powers of the Weak* (Página 92, linha 17), escrito por Elizabeth Janeway, é escrito num registo cuidado, como é exemplo “It is true that one may not have a coherent self-definition to set against the status assigned by the established social mythology [...]”. Na tradução, optou-se por manter os diferentes registos, pois, caso contrário, enquanto tradutora, estaria a tornar homogénea uma obra que é heterogénea, e estaria até a ir contra os princípios de bell hooks, que afirma que “Embora os académicos feministas devam ter a liberdade de escrever utilizando estilos complexos, se estiverem realmente interessados em fazer as suas ideias chegarem a um maior número de pessoas possível, têm de escrever de maneira mais acessível, ou escrever à sua maneira, mas certificar-se de que a obra será disponibilizada a outros com um estilo que possa ser mais facilmente compreendido” (Página 88, linha 38).

As citações foram, então, traduzidas consoante a informação disponibilizada pela autora e alguma pesquisa adicional. Contudo, durante esta pesquisa, levantou-se outra questão: a da existência de excertos de textos que tinham sido escritos originalmente em português e de excertos de textos escritos em inglês, mas que já apresentavam uma tradução para o português brasileiro. Na secção seguinte, será abordada esta questão.

4.5.1. Textos originais em português e traduzidos para português

Nesta secção, abordo um tópico que não se pode considerar necessariamente um problema, mas uma escolha referente à tradução ou utilização de uma tradução realizada por outro tradutor.

bell hooks cita variadas vezes textos de outros autores como forma de corroborar a ideia que está a tentar transmitir ou para analisar o que foi dito nessa mesma citação. Dois destes autores têm como língua materna o português na variante brasileira. A grande maioria das citações foi traduzida no âmbito deste projeto, excetuando as citações dos autores Paulo Freire (pp. 41, 114 e 116, linhas 28, 1 e 22) e Heleieth Saffioti (Página 21, linha 36), pois, visto serem autores brasileiros, a língua em que escreveram as suas obras é o português. Inicialmente, colocou-se a questão da tradução ou não tradução destes excertos, visto serem a tradução de uma tradução. Decidi retirar estas citações das obras originais, em vez de realizar uma tradução interlinguística, i.e., entre línguas distintas, ou intralinguística, i.e., uma reescrita da mesma língua, por vezes, de variantes diferentes (Jakobson, 1959). Os excertos foram, deste modo, retirados da obra original e foi adicionada uma nota de rodapé onde é explicada a decisão tomada, para esclarecer o leitor de que a variante da língua de chegada é diferente da utilizada no restante texto.

Foi decidido que não se traduziriam estes excertos do inglês, diretamente do texto de bell hooks, novamente para o português, pois poucos são os exemplos de traduções de traduções que são bem-sucedidas, no sentido em que passam a mensagem exata do texto original. Iria sempre existir uma interferência na tradução. Foi decidido, igualmente, não realizar uma tradução intralinguística, pois o texto não causava estranheza, logo não havia qualquer risco de interferência na compreensão por parte do leitor do TC.

Por outro lado, na obra são citados excertos de textos de autores de língua estrangeira, nomeadamente o inglês, para os quais já existe uma tradução para o português brasileiro. Estes são *Feminine Mystique*, de Betty Friedan, e *Black Skin, White Masks*, de Frantz Fanon. Optei, neste caso, por traduzir estes excertos para o português europeu, partindo da versão de bell hooks, para que o texto traduzido no âmbito deste projeto tivesse uma continuidade e/ou coesão no que diz respeito à escrita e porque me pareceu, nestes casos, desnecessária a presença de excertos escritos numa variante do português que não é utilizada no resto do trabalho.

4.6. Atualidade e relevância da obra

(...) it is not enough for the user of a translation that both it and its creator be reliable; it must also be timely, in the sense of not arriving past the time of its usefulness or value. (Robinson, 2003)

Nos dias de hoje, em que a velocidade de propagação da informação é cada vez maior, a efemeridade desta informação é também bastante comum. Posto isto, um texto que hoje é original e atual amanhã poderá deixar de o ser assim que outro texto propuser nova informação que o deixe ultrapassado. O tradutor tem, por isso, de, quando se propõe traduzir um texto, analisar a sua atualidade, avaliando se ainda é ou não importante para o mundo atual. Esta situação acontece, sobretudo, com os textos técnicos, científicos e jornalísticos, em que a informação veiculada pode tornar-se rapidamente ultrapassada. No caso dos textos literários, de alguns textos jornalísticos e de alguns textos técnicos, como é o caso do texto de bell hooks, a atualidade não é um fator de particular importância, pois a sua informação não será ultrapassada, no sentido de deixar de contribuir para o mundo real, uma vez que a informação que transmite é, fundamentalmente, subjetiva, correspondendo a uma tomada de posição da autora.

Isto traz alguma condicionante para a tradução, nomeadamente a necessidade de uma tradução imediata ou não. Quando são traduzidos textos jornalísticos ou até programas de televisão, existe a necessidade de que a tradução seja realizada o mais rapidamente possível por haver uma necessidade de obtenção de informação “aqui e agora”. Este pode ser um problema também com manuais de utilização, cuja tradução será relevante enquanto o produto ao qual se referem ainda estiver no mercado a ser utilizado. Outros géneros textuais levantam outros tipos de questões que não a necessidade de uma tradução rápida, mas antes uma relevância do conteúdo do texto.

Para este projeto, era particularmente importante ponderar a atualidade da obra, dado que foi publicada na década 80 do século passado. Isto poderia trazer algum problema para a tradução, na medida em que a informação que nela é transmitida poderia ser desatualizada ou poderia ter termos ou expressões fora de uso, marcas culturais já ultrapassadas, acontecimentos já passados, uma linguagem já desatualizada, entre outros

aspectos. Contudo, num texto de opinião, ou géneros semelhantes, a informação transmitida pode não ser utilizada para fins informativos ou explicativos para o leitor, mas como uma forma de auxiliar o estudo histórico, isto é, a informação não é atual para a sociedade corrente, mas poderá ser importante para analisar uma sociedade ou um acontecimento já passados.

No prefácio da edição publicada em 2015, a autora da obra traduzida afirma: “Feminist movement continues to be one of the most powerful struggles for social justice taking place in the world today” (Página xi, linha 1). Assim, o tema comentado na obra continua bastante atual. Alguns dos problemas mencionados pela autora poderão já não ser os que precisam de mais a atenção nos dias de hoje, mas o carácter geral da obra continua a ser significativo para a luta feminista atual. Muitos termos e expressões específicos e, até, terminológicos, que poderiam causar estranheza no TC, são ainda hoje utilizados, como, por exemplo “class privilege”, “women’s rights” ou “liberation”.

No que toca às referências culturais da época em que a obra foi escrita, como, por exemplo, “Lavender Menace”, “NOW” ou até *slogans* de anúncios publicitários, foi necessário realizar alguma pesquisa, uma vez que estas referências podem não ser do conhecimento do público-alvo. Porém, com a difusão cada vez mais imediata de informação pelos meios de comunicação, redes sociais, filmes e livros, etc., estas ocorrências culturais são cada vez menos uma interferência na compreensão de textos. Assim sendo, o que poderia ser considerado um texto desatualizado e incompreensível para um certo público-alvo, hoje em dia deixa de o ser.

No exemplo (68), é apresentado um excerto do texto traduzido que ilustra a referência a aspetos culturais, nomeadamente históricos, da época e do local em que a obra foi redigida. Esta referência a um acontecimento que marcou a história dos Estados Unidos não traz, em si, um problema agravante para a tradução, pois este acontecimento em específico, i.e., os cortes financeiros e as consequências que deles se fazem sentir, pertence ao conhecimento partilhado de muitos outros países capitalistas. Este exemplo visa ilustrar que, apesar de alguns dos acontecimentos retratados no livro serem já passados e, por vezes, característicos do local onde este foi escrito, a sua ocorrência não afeta a compreensão do texto.

(68)

Given the many financial cutbacks taking place on all levels in the United States , it is unlikely that women could rely on public funding to establish literacy programs. (Página 110, linha 8)	Tendo em conta os cortes financeiros que estão a ocorrer a todos os níveis nos Estados Unidos , é pouco provável que as mulheres possam contar com financiamentos públicos para estabelecer programas de alfabetização. (Página 86, linha 31)
---	--

Resumidamente, a obra de bell hooks continua atual e relevante para o contexto político e social em que vivemos, na medida em que serve de ponto de partida para uma mudança do pensamento de homens e mulheres que continuam a procurar o significado de feminismo e de luta feminista e que desejam a obtenção da igualdade.

4.7. Notas de rodapé

As notas de rodapé são utilizadas em textos traduzidos desde os primórdios da própria tradução, desde a tradução de textos religiosos e da Bíblia, em que os tradutores utilizavam as notas para comentários para os fiéis (Sarmiento, 2012). Hoje em dia, as notas são utilizadas em grande parte dos géneros de texto, desde os textos académicos e científicos até aos textos literários.

Apesar de alguns autores e editores considerarem as notas algo que deve ser evitado, por motivos de economia, para a preservação da invisibilidade do tradutor ou até para manter a continuidade da leitura, estas permitem fornecer informação adicional ao texto e, assim, permitem que o texto seja o menos ambíguo possível e que o leitor compreenda sem falhas o que é transmitido e, até, que se evite que o texto seja vítima da interpretação do tradutor.

A necessidade deste e doutros recursos, nomeadamente notas (...) torna-se especialmente evidente quando a obra traduzida deve ser recontextualizada para leitores que desconhecem a tradição cultural e literária do original. (Sarmiento, 2012)

Mas o que são as notas de rodapé? Não são mais do que comentários presentes geralmente no final da página ou, por vezes, no final do livro, que visam explicar alguma dificuldade que ocorra no texto ou explicar alguma escolha feita pelo tradutor. As notas podem ser pequenas, explicando unicamente o significado de uma palavra, ou podem ocupar uma parte considerável da página, com um comentário do autor ou tradutor relativamente ao assunto tratado no texto.

Alguns autores optam por não utilizar notas de rodapé, o que os levará inevitavelmente a ter de recorrer à domesticação. Outros autores consideram a tradução uma ferramenta muito eficaz para tradução, visto que, sendo impossível obter uma equivalência perfeita, as notas de rodapé auxiliam o tradutor a minimizar qualquer interferência entre as suas línguas de trabalho. Magalhães (2011) declara que “as notas se impuseram como um elemento da tradução, dada a variedade de referências estranhas aos dias de hoje (vestuário, hábitos, costumes, etc).”

A transparência é uma ilusão: a nota do tradutor mais não faz do que tornar esse facto visível (Sarmiento, 2012)

bell hooks não utiliza notas de rodapé, em vez disso colocou uma seção na parte final do seu livro onde apresenta algumas notas, em que faz referência a obras que mencionou ao longo do seu livro e introduz breves comentários. Optei por traduzir essas notas e mantê-las no final do livro. Como tradutora, optei também por clarificar, utilizando as notas de rodapé, algumas das dificuldades que encontrei e escolhas que tive de fazer. Na tabela seguinte, estão indicados os pontos do TC em que foram inseridas notas de rodapé.

(69)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Noras (Página 2, linha 10) ▪ <i>Women's Bank</i> (Página 6, linha 2) ▪ <i>Women's lib</i> (Página 14, linha 20) ▪ Chicana (Página 46, linha 12) ▪ <i>Lavender Menace</i> (Página 119, linha 32) ▪ Colarinho rosa (Página 77, linha 2)
(70)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ WASP (Página 36, linha 39) ▪ NOW (Página 43, linha 12) ▪ YMCA e YWCA (Página 88, linha 3) ▪ Campanha ERA (Página 126, linha 4)
(71)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Bonita (Página 54, linha 14)
(72)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ “I can bring home the bacon” (Página 61, linha 11) ▪ “Might makes right” (Página 68, linha 38)
(73)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Excerto de <i>The Feminine Mystique</i> (Página 1, linha 6) ▪ Excerto de <i>Black Skin, White Mask</i> (Página 32, linha 14) ▪ Excerto de Paulo Freire (Página 32, linha 30) ▪ Excerto de Heleieth Saffioti (Página 17, linha 11)
(74)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Heterossexismo (Página 119, linha 5)

Tabela 6 – Notas de rodapé da tradutora utilizadas ao longo do texto traduzido.

No grupo (69), as notas de rodapé pretendem clarificar referências culturais próprias da cultura da LP, palavras que não têm um equivalente na LC, como “pink collar” (Página 97, linha 18) ou que têm significados diferentes, como a palavra “chicana” (Página 59, linha 21). Sem uma explicação sobre estas palavras ou expressões que estão diretamente relacionadas com o tema, a mensagem que bell hooks pretende transmitir poderia não ser totalmente clara. No grupo (70), estão presentes notas de rodapé que visam esclarecer acrônimos e siglas da LP e apresentar uma tradução correspondente para que o leitor. No grupo (71), a nota de rodapé propõe-se esclarecer uma palavra que poderia causar interferência na LC, já que esta palavra, “Bonita” (Página 70, linha 36), na LP, refere uma região no estado de Califórnia e, na língua de chegada, pode ser interpretada como um adjetivo qualificativo. No grupo (72), estão presentes duas notas de rodapé em que mantenho dois *slogans* apresentados no TP, com vista a transmitir ao leitor do TC que compreenda inglês o que está realmente escrito no TP e/ou fornecer esta

mesma informação caso o leitor queira pesquisar os contextos em que estes *slogans* se inserem. No grupo (73), as notas estão relacionadas com as minhas escolhas enquanto tradutora, de traduzir excertos ou de recorrer a textos já traduzidos. Como mencionei na secção 4.5.1., optei por não traduzir os textos cuja língua original é o português brasileiro e por traduzir aquelas obras que já haviam sido traduzidas para o português brasileiro. Por fim, no grupo (74), acrescentei uma nota de rodapé em que explico que optei por criar um neologismo, utilizando um decalque, no português europeu, e esclareço o seu significado.

Alguns autores afirmam que as notas de rodapé quebram o ritmo da leitura de uma obra, todavia penso que a ausência de uma explicação ou de uma clarificação poderá quebrar ainda mais o ritmo e, até, a interpretação geral da obra, devido à incompreensão de um determinado conceito ou expressão.

CONCLUSÃO

O presente relatório teve como objetivo o comentário à tradução realizada no âmbito do Projeto de Trabalho para a conclusão do Mestrado em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

O trabalho consistiu na tradução integral da obra *Feminist Theory: from margin to center* (1984), da autora bell hooks, e na elaboração de um relatório em que foram analisados e comentados os aspetos de maior relevância que surgiram na tradução e os processos pelos quais passei para os solucionar ou analisar.

O relatório não é demasiado extenso, pois tentei ser bastante sucinta e, apesar da ocorrência de problemas e dificuldades na tradução, estes foram solucionados, sem grandes quebras ou impasses na tradução. Posto isto, os aspetos que analisei neste relatório foram fundamentalmente os que caracterizaram a obra desta autora. O relatório divide-se, então, em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, apresentou-se de uma breve biografia da autora, para que leitor pudesse situar esta obra no contexto de vida pessoal e profissional da autora. No segundo capítulo, foram analisados os géneros e tipos textuais e a sua importância para a análise e tradução da obra. No terceiro capítulo, foi feita uma reflexão sobre os papéis do tradutor perante a tradução, nomeadamente o seu papel como responsável pelas decisões e escolhas tomadas no começo e ao longo de qualquer tradução e o seu papel de crítico, tanto do texto sobre o qual irá trabalhar, bem como da sua própria tradução, após a sua conclusão. O capítulo quatro, o mais extenso, focou-se mais nos problemas encontrados na tradução da obra e, também, na justificação de algumas das escolhas tomadas.

O capítulo quatro divide-se em sete secções: na secção 4.1., abordaram-se os aspetos lexicais que levantaram problemas, mais especificamente a presença de termos específicos e a diferente marcação de género em expressões nominais em português e inglês; na secção 4.2., refletiu-se sobre questões de textualidade, da coesão e coerência do texto de hooks; na secção 4.3., referiu-se as questões das marcas culturais, nesta obra em concreto, das formas de tratamento em inglês e português; na secção 4.4., foi apresentada uma breve explicação de alguns dos procedimentos de tradução e os procedimentos utilizados no texto traduzido; na secção 4.5., foram justificadas as opções tomadas pelo tradutor, referentes à tradução de excertos ou a utilização de traduções já

realizadas desses mesmos excertos e referentes à utilização de excertos de texto originais em português; na secção 4.6., foi feita uma breve reflexão sobre a importância da atualidade e da relevância de uma obra num dado contexto histórico; por último, na secção 4.7., foi apresentada uma curta reflexão sobre as notas de rodapé e sobre as notas de rodapé que adicionei ao texto traduzido.

Este relatório, realizado durante o presente Trabalho de Projeto, não só se mostrou produtivo no que toca à análise mais aprofundada da tradução realizada, como também serviu como uma boa experiência para o meu futuro como tradutora. Visto ter sido a minha primeira experiência com uma obra extensa, a reflexão sobre as decisões tomadas fez com que tomasse mais consciência das minhas escolhas e da forma como posso melhorar essas escolhas e como poderei encarar os problemas em futuras traduções. Em geral, a tradução não apresentou grandes obstáculos e a obra será bastante pertinente para as mulheres e homens que queiram saber mais sobre o feminismo, um dos principais motivos que me levou a escolher este livro para este projeto.

A minha paixão pelo feminismo e a vontade lutar, tal como bell hooks, pela igualdade de direitos e pelo fim da exploração e opressão sexista reflete-se, também, no meu desejo de um dia poder publicar esta tradução, se se reunirem todos os fatores propícios a isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Jean-Michel. “Une typologie d’inspiration bakhtinienne: penser l’hétérogénéité textuelle”, in *E.L.A.* N.º 83, pp. 7-17. 1991.
- ADAM, Jean-Michel. *Les Textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *We should all be feminists*. Londres: HarperCollins Publishers, 2015. ISBN-13: 9780008115272
- AGRA, Klondy. *A integração da língua e da cultura no processo de tradução*.
- ALMEIDA, M.C. “Tradução versus transcrição: abordagem cognitiva”. In *Tradução, Transcrição e Transculturalidade*. CAVACO-CRUZ, L., RAMOS, I. (Eds.). Independence, MO: Arkonte Publishing, 2016. ISBN: 978-0-9985095-0-1
- BAKER, Mona. *In Other Words: A Coursebook on Translation*. 2.^a Ed. London & New York: Routledge, 2011. ISBN-13: 978-0415467544
- BAKER, Mona. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London & New York: Routledge, 2001. ISBN: 0-415-25517-1
- BALLARD, Kim. *The Frameworks of English: Introducing language structures*. 3.^a Edição. Inglaterra: Palgrave Macmillan, 2001. ISBN: 978-0-230-39242-7
- BASSNETT, Susan. *Translation Studies*. 3.^a Ed. Edição revista. London & New York: Routledge, 1991. ISBN: 9780415506731
- BASSOLS, Margarida, TORRENT, Anna M. *Modelos textuales: teoría y práctica*. 3.^a Ed. Barcelona: Octaedro Recursos, 2012. ISBN: 978-84-8063-289-8
- BEAUGRANDE, Robert-Alain de, DRESSLER, Wolfgang. *Introduction to Text Linguistics*. London: Longman, 2001. ISBN 0-582-55485-3
- BIBER, Douglas, Stig JOHANSSON, Geoffrey LEECH, Susan CONRAD & Edward FINEGAN. *The Longman Grammar of Spoken and Written English*. Harlow/ NY: Longman, 1999. ISBN: 978-0-582-23725-4
- BROECK, Raymond van den. “Second Thoughts on Translation Criticism a Model of its Analytic Function.” In *The Manipulation of Literature: Studies in Literary*

Translation. Edited by Theo Hermans. Nova Iorque: Routledge, 2014. ISBN-13: 978-1-315-75902-9

CABRÉ, María Teresa. *Terminología y Normalización Lingüística*. Universitat Pompeu Fabra. [Em linha]. 2010. [Consult. 6 jul. 2018]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.ehu.eus/documents/2430735/2877801/cabret.pdf>>

CALSAMIGLIA, Helena & Amparo TUSÓN. *Las cosas del decir. Manual de análisis del discurso*. Barcelona: Ariel. 1999.

CÂMARA, Joaquim Jr. Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*, 22.^a Edição, Petrópolis: Vozes, 1994.

CANOVA, Janet. *Os Manuais do Reiki I e II: Reflexão sobre Questões de Tradução do Espanhol para o Português*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013. Trabalho de Projeto.

CARSTENS, W. A. M. *Text Linguistics: Relevant Linguistics?*. Joannesburg, School of Languages and Arts, Potchefstroom University for CHE. 2002

School of Languages and Arts, Potchefstroom University for CHE

CASANOVA, Isabel. *Dicionário Terminológico*. [Em linha]. [Consult. 17 jul. 2018]. Disponível em WWW:<URL:<http://dt.dgidc.min-edu.pt/>>

CAVACO-CRUZ, Luís. *Manual prático e fundamental de tradução técnica*. Luís Cavaco-Cruz Independence: Arkonte, 2012. ISBN: 978-989-98046-0-9

CEIA, Carlos. “Competência textual”. In *E-Dicionário de Termos Literários*. [Em linha]. 2009. [Consult. 30 abr. 2018]. Disponível em WWW:<URL:<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/competencia-textual/>>

CINTRA, L. F. L. *Formas de tratamento na língua portuguesa*. Livros Horizonte: 1972.

C.M.. “Socializar/ Sociabilizar”. In *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*. [Em linha]. 2000. [Consult. 18 jul. 2018]. Disponível em WWW:<URL:<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/>>

Collins Dictionary Online. Glasgow, HarperCollins Publishers, 2018. Disponível em WWW:URL:<<https://www.collinsdictionary.com/>>

- COMBETTES, Bernard. “Types de textes et faits de langue”, in *Pratiques: linguistique, littérature, didactique*. N.º 56, pp. 5-17. [Em linha]. 1987. [Consult. 16 abr. 2018] Disponível em WWW:<https://www.persee.fr/doc/prati_0338-2389_1987_num_56_1_1458>
- CORREIA, Margarita (2005). «Terminologia, neologia e normalização: como tratar os empréstimos neológicos». *Terminómetro*, número especial, pp. 15-20.
- CROSSMAN, Ashley. *Feminist Theory in Sociology: An Overview of Key Ideas and Issues*. ThoughtCo. [Em linha]. 2018. [Consult. 8 ago. 2018]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.thoughtco.com/feminist-theory-3026624>>
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 18.ª Ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2005. ISBN: 9789729230677
- Dicionário universal da língua portuguesa*. Lisboa: Texto Editora, 1995. ISBN: 972-47-0662-1
- DUARTE, Inês. “Aspectos linguísticos da organização textual”. In MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE, Isabel Hub FARIA, Sónia FROTA, Gabriela MATOS, Fátima OLIVEIRA, Marina VIGÁRIO & Alina VILLALVA (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 5.ª edição revista e aumentada, pp 85-122. ISBN: 972-21-0445-4
- DUARTE, Sofia. *Relatório de Estágio na «Ayr Consulting»: Reflexão sobre questões de tradução*. Faculdade de letras da Universidade de Lisboa, 2013. Relatório de estágio.
- FABER, Pamela (ed.). *A Cognitive Linguistics View of Terminology and Specialized Language*. Berlim, Boston: De Gruyter Mouton, 2012. ISBN 978-3-11-027720-3
- FIGUEIREDO, Olívia. “A Língua em funcionamento nos Textos orais / escritos Conceitos-chave para uma Didáctica do Português /Língua Portuguesa”. Documentação da ação de formação *O trabalho de funcionamento da língua em sala de aula e a Terminologia Linguística*. ME- DGIDC, 2008.
- FINEGAN, Edward. *Language: Its structure and use*. 6.ª Ed. Universidade da Califórnia: Wadsworth Cengage Learning, 2011. ISBN-13: 978-0-495-90041-2

- FLESCH, Rudolf. *The Art of Clear Thinking*. Nova Iorque: Harper & Brothers Publishers, 1951. ISBN-13: 978-9080641549
- GONÇALVES, Leonor Abrantes. *Terminologia científica e técnica em tradução literária*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016. Dissertação de Mestrado.
- GOUVEIA, Carlos. “As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em português europeu”. In F. Oliveira & I. M. Duarte (eds.) *O fascínio da Linguagem*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008. p. 91-100. ISBN: 978-972-8432-41-1
- GRADY, Constance. *The waves of feminism, and why people keep fighting over them, explained*. VOX [Em linha]. 2018. [Consult. 8 ago. 2018] Disponível em WWW:<URL: <https://www.vox.com/2018/3/20/16955588/feminism-waves-explained-first-second-third-fourth>>
- HATIM, Basil & Ian MASON. *The Translator as Communicator*. London & New York: Routledge, 1997. ISBN: 0-415-11737-2
- HATIM, Basil, MUNDAY, Jeremy. *Translation: An Advanced Resource Book*. London & New York: Routledge, 2004. ISBN: 0-415-28305-1
- HOOKS, bell. *Feminist Theory from margin to center*. 2.^a Ed. New York: Routledge, 2015. ISBN: 978-1138-82166-8
- HOUSE, Juliane. *Translation Quality Assessment: Past and Present*. London & New York: Routledge, 2015. ISBN: 978-1-138-79548-8
- HOUSE, Juliane. *Translation: The Basics*. London & New York: Routledge, 2018. ISBN: 978-1-138-01641-5
- JAKOBSON, Roman. “On Linguistic Aspects of Translation”. In R. Brower *On Translation*. Cambridge MA: Harvard University Press. 1959.
- KNUPFER, Marlene. *Um modelo de crítica de tradução: Estratégias de tradução a partir de «The Kite Runner» de Khaled Hosseini*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011. Dissertação de Mestrado.

- KOLLER, Werner. “Anmerkungen zu Definitionen des Übersetzungs ‘vorgangs’ und der Übersetzungskritik”, in Wolfram Wilss and Gisela Thome (eds.) *Aspekte der Theoretischen, Sprachenpaarbezogenen und Angewandten Sprachwissenschaft*. Heidelberg: Groos, 1974. pp. 35-45.
- LEŠKOVÁ, Jana. *As formas de tratamento em Português Europeu*. Olomouc: Universidade Palacký, 2012. Dissertação.
- LEVÝ, Jiří. *The Art of Translation*. Amesterdão: John Benjamins Publishing Co., 2011. Translated by Patrick Corness. ISBN: 978-90-272-8411-2
- LLORCA, Carmen Marimón (2006a) “Tema 6. El texto descriptivo”. In *Temas de Análisis y Redacción de Textos (Español)*. [Em linha]. Disponível em WWW:<URL:http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/4023/16/TEMA%206.EL%20TEXTO%20DESCRIPTIVO.pdf> [Consult. 15 abr. 2018].
- LLORCA, Carmen Marimón (2006b) “Tema 7. El texto narrativo”. In *Temas de Análisis y Redacción de Textos (Español)*. [Em linha]. Disponível em WWW:<URL:http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/4023/18/TEMA%207.EL%20TEXTO%20NARRATIVO.pdf> [Consult. 15 abr. 2018].
- LLORCA, Carmen Marimón (2006c) “Tema 8. La explicación”. In *Temas de Análisis y Redacción de Textos (Español)*. [Em linha]. Disponível em WWW:<URL:http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/4023/20/TEMA%208.LA%20EXPLICACI%c3%93N.pdf> [Consult. 15 abr. 2018].
- LLORCA, Carmen Marimón (2006d) “Tema 9. La argumentación”. In *Temas de Análisis y Redacción de Textos (Español)*. [Em linha]. Disponível em WWW:<URL:http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/4023/22/TEMA%209.LA%20ARGUMENTACI%c3%93N.pdf> [Consult. 15 abr. 2018].
- LORDE, Audre. *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Nova Iorque: Crossing Press, 2007. ISBN: 978-0-307-80904-9
- LUX, F. *Text, Situation, Textsorte. Probleme der Textsortenanalyse, dargestellt am Beispiel der britischen Registerlinguistik. Mit einem Ausblick auf eine adäquate Textsortentheorie*. (Diss. Bochum, 1980) Tübingen: Narr (Tübinger Beiträge zur Linguistik 172): 1981.

- MAGALHÃES, Maria Jacinta. *Pedro Tamen e a Tradução – Os caminhos do tradutor*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016. Dissertação de Mestrado.
- MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE, Isabel Hub FÁRIA, Sónia FROTA, Gabriela MATOS, Fátima OLIVEIRA, Marina VIGÁRIO & Alina VILLALVA. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5.ª Ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- MENDES, Amália. “Organização textual e articulação de orações”. In Raposo, Eduardo B. P., M. Fernanda Bacelar do Nascimento, M. Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura, Amália Mendes (orgs) *Gramática do Português, vol. II*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. pp. 1691-1755.
- MILLER, Carolyn R. “Gender as social action”, in *Quarterly Journal of Speech*. 70: pp.151-167. 1984
- MUNDAY, Jeremy. *Evaluation in Translation: Critical points of Translators decision-making*. London & New York: Routledge, 2012. ISBN: 978-0-203-11774-3
- MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. London & New York: Routledge, 2011. ISBN: 0-415-22927-8
- NEUBERT, A. & G. SHREVE. *Translation as Text*. Kent, OH: Kent State University Press. Renkema, J. 1993. *Discourse studies. An introductory textbook*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1992
- NEWMARK, Peter. *A Textbook of Translation*. London: Longman, 1988. ISBN 0-13-912593-0
- NEWMARK, Peter. *More Paragraphs on Translation*. Multilingual Matters Ltd., 1998. ISBN: 1-85359-40204
- NORD, Christiane. *Translating as a Purposeful Activity. Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome. 1997
- ORDUDARI, Mahmoud. *Translation procedures, strategies and methods*. Translation Journal [Em linha]. Vol.11, N.º 3. 2007. [Consult. 16 jul. 2018]. Disponível em WWW:< <https://translationjournal.net/journal/41culture.htm>>

- Oxford English Dictionary Online*. Oxford University Press, 2018. Disponível em WWW:URL:< <https://en.oxforddictionaries.com/>>
- PEREIRA, Diana. *Questões de tradução relevantes na obra «Kana, alma de mujer»*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2015. Trabalho de Projeto.
- PERSELL, Caroline H. *Glossary. Introsocsite: Introduction to Sociology* [Em linha]. 1996. [Consult. 8 ago. 2018]. Disponível em WWW:URL:<<http://www.asanet.org/sites/default/files/savvy/introsociology/home.html>>
- PYM, Anthony (2012). *On Translator Ethics*, trad. H. Walker. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- RAPOSO, Eduardo Bozaglo Paiva, Maria Fernanda Bacelar do NASCIMENTO, Maria Fernanda, Maria Antónia COELHO DA MOTA, Luísa SEGURA, Amália MENDES, Graça VICENTE, & Rita VELOSO (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- REISS, Katharina e VERMEER, Hans J. *Towards a General Theory of Translational Action: Skopos Theory Explained*. Trad. Christiane Nord. London & New York: Routledge, 2013. ISBN-13: 978-1905763955
- REISS, Katharina. “Überlegungen zu einer Theorie der Übersetzungskritik“, *Linguistica Antverpiensia* 2: 369–83. 1968.
- REISS, Katharina. *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik*. Munich: Hueber. 1971.
- REISS, Katharina. “Der Texttyp als Ansatzpunkt für die Lösung von Übersetzungsproblemen“, *Linguistica Antverpiensia* 7: 111–27. 1973.
- ROBINSON, Douglas. *Becoming a Translator: An Introduction to Theory and Practice of Translation*. 2.^a Ed. London & New York: Routledge, 2003. ISBN-13: 9780415615907
- ROSSI, Aline. *Diferenças entre o Feminismo Radical e Feminismo Liberal* [Em linha] (julho de 2017). *Feminismo com Classe*. [Consult. 22 de mai. 2018] Disponível em

WWW:<URL:https://feminismocomclasse.wordpress.com/2017/07/17/diferencas-entre-o-feminismo-radical-e-feminismo-liberal/>.

SAGER, J. C., “Text Type and Translation”. In Trosborg, Anna, *Text Typology and Translation*. Amesterdão: John Benjamins Publishing Co., 1997. ISBN: 90-272-1629-0

SARAIVA, M. C. P. S. *Estudo de Formas de Tratamento no Português Europeu Contemporâneo: contributos para um manual didáctico*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa: 2002.

SCHOLZ, Sally. *Political Solidarity*. EUA: Universidade de Pensilvânia, 2008. ISBN 13: 978-0-271-03400-3

Sexual Assault Support Centre of Waterloo Region. *Feminist Theory: Examining Branches of Feminism* [Em linha]. [Consult. 15 mai. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://www.sascwr.org/files/www/resources_pdfs/feminism/Definitions_of_Branches_of_Feminism.pdf>

SHREVE, G. M. “The Discourses of Translation: Na introduction”. In *Discourses of Translation. Festschrift in Honour of Christina Schäffner*. (Adab, B./ Schnitt, P./ Schreve, G., eds.), Frankfurt/Bern: Peter Lang, 2012. pp.39-48.

TALLONE, Laura. “A nota de rodapé e a nota do tradutor: apontamentos à margem”. In SARMENTO, Clara (coord.). *Entre Margens e Centros: Textos e Práticas das Novas Interculturas*. Edições Afrontamento, 2012. ISBN 9789723613254

TROSBORG, Anna. *Text typology and translation*. Amesterdão: John Benjamins Publishing Company, 1997. ISBN: 90-272-1629-0

VILELA, Mário. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1999. ISBN: 9789724011509

VILLALVA, Alina. “Estrutura morfológica básica”. In MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE, Isabel Hub FARIA, Sónia FROTA, Gabriela MATOS, Fátima OLIVEIRA, Marina VIGÁRIO & Alina VILLALVA (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 5.^a edição revista e aumentada, pp 917-938. ISBN: 972-21-0445-4

- VINAY, Jean-Paul Vinay e DARBELNET, Jean. “A Methodology for Translation.” In Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet, *Comparative Stylistics of French and English: A Methodology for Translation*, trad. e ed. Juan C.Sager e M.J.Hamel. Amesterdão e Filadélfia: John Benjamins Publishing, 1995, p. 31–42. ISBN: 90-272-1611-8
- VENUTI, Lawrence. *The Translation Studies Reader*. London & New York: Routledge, 2000. ISBN: 0-203-75486-7
- VENUTI, Lawrence (1995). *The Translator’s Invisibility: A History of Translation*. London & New York: Routledge.
- WERLICH, Egon. *Typologie der Texte*. Heilderberg: Quelle & Meyer. 1976.
- WILSS, Wolfram. *Knowledge and Skills in Translator Behaviour*. Amsterdam: Benjamins. 1996.
- WOOLF, Virginia. *A Room of One’s Own*. Penguin Modern Classics. Londres: Penguin Books Ltd, 2002. ISBN-13 9780141183534
- ZEMENG, Yi. *O Estudo Comparativo das Formas de Tratamento em Português (Europeu) e Chinês (Mandarim)*. Universidade de Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas. 2016. Dissertação de Mestrado.
- ZHANG, Yeke. *Problemáticas de tradução de textos de economia e ambiente de chinês e de inglês para português europeu – Relatório de Estágio na Kennistranslations*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016. Relatório de Estágio.

ANEXO I

Proposta de tradução da obra

Teoria Feminista: da Margem ao Centro, de bell hooks

ANEXO II – GLOSSÁRIO

O glossário aqui apresentado, construído no âmbito deste projeto, contém termos relacionados com o feminismo, termos que, apesar de não pertencerem a este domínio, são utilizados, muitas vezes, no discurso feminista, termos que causaram alguma dificuldade ao longo da tradução ou que possam causar estranheza ao leitor. O glossário permite não só esclarecer algum termo ou expressão cujo significado seja menos claro, mas também permite ao tradutor justificar as suas escolhas e manter a coerência ao longo de todo o texto. Pretende-se que o glossário seja de fácil consulta e que esclareça o leitor sempre que surgir um termo cujo significado lhe seja desconhecido, para que o leitor não tenha de realizar esse trabalho de pesquisa. Pretende-se também que criar uma base de dados que possam servir de auxílio, não só na tradução deste texto, mas também para futuros tradutores que trabalhem com textos desta área, difundido e normalizando a terminologia.

Nas primeiras duas colunas, são apresentados os termos da língua de partida e os termos da língua de chegada, com as respetivas classes de palavras e categorias sintáticas a que pertencem. Nas três colunas seguintes, é apresentada uma breve definição do termo ou expressão, o domínio a que pertencem e as fontes que foram utilizadas na pesquisa quer do equivalente utilizado na tradução, quer da definição dos termos. Visto que um glossário é uma ferramenta que está, continuamente, em construção, este glossário apresenta ainda alguns espaços por preencher. Algumas das informações foram de difícil obtenção, uma vez que seria difícil aceder a todos a dicionários terminológicos de cada um dos domínios aqui mencionados e, mesmo que fosse possível, seria um trabalho extenso e demorado. Deste modo, os recursos aqui utilizados foram maioritariamente de fontes não especializadas.

Na construção deste glossário foram consultados dicionários unilíngues, como Merriam Webster, Oxford Dictionary, Cambridge Dictionary e Collins Dictionary, Dictionary.com Infopédia e Priberam; dicionários bilíngues, como Infopédia e Cambridge; Corpora paralelos, como Linguee e Reverso Dictionary; bases de dados terminológicas, como IATE (InterActive Terminology for Europe) e Eur.lex; livros da especialidade, enciclopédias, sítios *online* e textos paralelos dos mesmos domínios.

Termo LP	Termo LC	Definição	Domínio	Fonte
activist (s.)	ativista (s.m./f.)	Aquele que participa ativamente em partidos, agrupamentos e/ou campanhas, tendo em vista a mudança política e social ou a oposição a uma questão controversa, como, por exemplo, a guerra, o ambiente, etc.	Sociologia, Ciência Política	Merriam Webster, Oxford, IATE
affirmation (s.)	afirmação/ confirmação (s.f.)	Apoio e atitude positiva em relação a uma ideia.		Oxford, Infopédia, Cambridge, Linguee
affirmative action (s.)	ação afirmativa (s.f.)	Vantagem e/ou preferência dada às mulheres e a grupos minoritários no acesso a empregos, de forma a combater as injustiças e a discriminação que estes grupos sofrem.	Antropologia	Infopédia, Cambridge
awareness (s.)	sensibilização / consciencializ ação (s.f.)	Reconhecimento, preocupação e interesse consciente numa determinada matéria ou situação.	Sociologia	Infopédia, IATE, Linguee, Cambridge, Oxford
belief system (s.)	sistema de crenças (s.m.)	Conjunto de crenças e/ ou princípios de uma determinada religião, filosofia, etc. relativamente ao que acreditam estar certo ou errado.	Sociologia	Oxford, Collins Dictionary.
blackness (s.)	negritude (s.f.)	“Caráter ou qualidade daquele que é negro.”	Antropologia	Infopédia
bourgeois class (s.)	classe burguesa (s.f.)	Classe social, segundo Karl Marx, que pertence ao capitalismo e cujos membros detêm os meios de produção e, por esse motivo, não têm de exercer trabalho manual. Geralmente, é considerada em oposição à classe trabalhadora.	Sociologia	Reverso Dictionary, Wikipédia
capitalism (s.)	capitalismo (s.m.)	Regime económico, político e social no qual grande parte dos meios de produção são propriedade privada, em vez de serem propriedade do estado. Este regime caracteriza-se pela competição no mercado	Sociologia	Infopédia, Oxford, Cambridge, Merriam Webster

		livre, cujo principal objetivo é a obtenção de lucro, pela concentração do capital, pelo controlo político centralizado naqueles que detém o poder produtivo e capital.		
child-rearing (s.)	educação (s.f.)	Processo de criação e de cuidado de uma criança, até que esta tenha idade para tomar conta de si mesma.	Ciências Sociais	IATE, Cambridge, Merriam Webster, Reverso Dictionary
civil rights (s.)	direitos civis (s.p.)	Conjunto de direitos que todos os cidadãos têm “independentemente do seu género, raça ou religião” ³	Direito	IATE, Merriam Webster
class privilege (s.)	privilégio de classe (s.m.)	Vantagem ou benefícios concedidos exclusivamente a uma classe ou a grupo de pessoas e não a outros.	Sociologia	Cambridge, Collins Dictionary
classism (s.)	classismo (s.m.)	Discriminação e preconceitos que se baseiam na distinção entre classes sociais.	Sociologia	Priberam, Infopédia, Oxford,
coercion (s.)	coação/ coerção (s.f.)	“Forma de interação social na qual alguém é obrigado a realizar algo por intermédio de pressão social, de ameaças ou de força.” ⁴	Sociologia	Persell (1996)
control (s.)	controlo (s.m.)	“(…) impor, limitar ou dominar as ações ou comportamentos de alguém ou de algo” ⁵	Sociologia	Cambridge
cooptation (s.)	cooptação (s.f.)	Assumir ou apropriar-se de algo ou de alguma ideia para sua própria utilização.		IATE, Linguee,

³ Traduzido por mim, para efeito deste glossário.

⁴ Traduzido por mim, para efeito deste glossário.

⁵ Traduzido por mim, para efeito deste glossário.

determinism (s.)	determinismo (s.m.)	Teoria filosófica segundo a qual todos os acontecimentos e ações/escolhas humanas são determinadas por eventos anteriores; descarta o livre arbítrio.	Filosofia	IATE, Infopédia, Merriam Webster, Oxford
discrimination (s.)	discriminação (s.m.)	Tratamento de uma pessoa ou grupo de pessoas de forma desigual e/ou injusta, tendo por base um preconceito de raça, de preferência sexual ou religiosa, etc.	Sociologia	Priberam, Oxford,
dogmatism (s.)	dogmatismo (s.m.)	Atitude daquele que alega que a sua própria opinião ou crença é a verdadeira e não dá	Filosofia	Cambridge, Priberam
domination (s.)	domínio (s.m.)	Exercício de controlo, poder e/ou autoridade sobre outros.	Sociologia	Linguee, Oxford, Merriam Webster
dualism (s.)	dualismo (s.m.)	“Qualquer sistema, doutrina ou teoria que admite a existência de dois princípios necessários, mas opostos”.	Filosofia	IATE, Priberam
emancipation (s.)	emancipação (s.f.)	Libertação de qualquer restrição e/ou controlo de outros; liberdade de exercer os seus direitos e de gerir os seus bens sem a necessidade de consentimento de outros.	Sociologia	Infopédia, Oxford, Cambridge
equal rights (s.)	igualdade de direitos (s.f.)	Princípio que defende que as mulheres devem ter os mesmo direitos que os homens, sendo iguais perante a lei e tendo as mesmas oportunidades.	Sociologia, Ciências Políticas	Infopédia, Wikipédia
feminism (s.)	feminismo (s.m.)	Teoria e movimento político, social, económico e cultural que defende os direitos e interesses das mulheres, sobretudo a igualdade de direitos entre géneros. Também chamado de “women’s liberation” (libertação das mulheres).	Sociologia, Ciência Política	Merriam Webster, Cambridge, Infopédia
feminist movement (s.)	movimento feminista (s.m.)	Grupos de pessoas que lutam pelos valores que o feminismo defende. Manifesta-se através de campanhas políticas por reformas de: direitos de reprodução, violência doméstica, assédio sexual, etc. Acredita-se que nos Estados Unidos da América aconteceu em três	Sociologia, Ciência Política	Grady (2018)

		vagas: a primeira vaga, do fim do século XIX ao início do século XX, foi caracterizado pelo movimento das sufragistas; a segunda vaga, da década de 60 à década de 80, caracterizou-se pelo movimento pela libertação das mulheres e pela igualdade e pelo fim da discriminação, pelo direito ao aborto, entre outros; a terceira vaga, da década de 90 até aos dias de hoje, dá mais importância à identidade individual, ao reconhecimento das diferenças étnicas, nacionalidades, religiões, etc., das mulheres e, mais recentemente, aborda o tema do assédio sexual.		
feminist reform (s.)	reforma feminista (s.f.)	Processo mudança com vista ao seu melhoramento de uma organização ou de um movimento político, neste caso o feminismo.	Ciência Política	Merriam Webster, Oxford, Priberam
feminist theory (s.)	teoria feminista (s.f.)	Área da Sociologia que estuda os problemas e questões sociais, relacionadas com as mulheres que até agora foi deixada de parte das teorias que estudam o Homem, como “discriminação e exclusão baseada no género, objetificação, desigualdade estrutural e económica, poder e opressão, e papéis baseados no género e estereótipos, entre outros” ⁶ .	Sociologia	Crossman (2018)
heterosexism (s.)	heterossexismo (s.m.)	Crença na superioridade da heterossexualidade, discriminando quaisquer outros indivíduos que tenham outras orientações sexuais, sobretudo os homossexuais.	Sociologia	IATE, Oxford
leisure class (s.)	classe do lazer (s.f.)	Classe social que, por ter grande riqueza, não tem necessidade de trabalhar.	Sociologia	Voxeurop.eu, Dictionary.com

⁶ Traduzido por mim, para efeito deste glossário.

liberal feminism (s.)	feminismo liberal (s.m.)	Uma das partes integrantes do movimento feminista que defende que a sociedade é formada pelo indivíduo, pelas pessoas individualmente. Defende que para que haja mudança, a pessoa individual tem de mudar as suas opiniões, escolhas e ações. Apela ao empoderamento, atribuição de poder a grupos discriminados.	Sociologia, Ciências Políticas	Rossi (2017)
liberation (s.)	libertação (s.f.)	Movimento que luta pela igualdade de direitos e pela alteração do estatuto social de um determinado grupo, geralmente um grupo que até então foi sujeito a domínio ou opressão por outro(s) grupo(s).	Sociologia	Cambridge, Oxford, Merriam Webster
lobbying (v.)	representação dos interesses (s.n.)	“Ato de tentar persuadir uma autoridade, geralmente um membro eleito do governo, a apoiar leis ou regulamentos que deem vantagem à sua organização ou indústria.” ⁷	Direito	IATE, Cambridge
militarism (s.)	militarismo (s.m.)	“Forma de governo em que predominam os militares, ou que se apoia no exército”; crença na necessidade de uma força militar forte e preparada para agir na defesa dos interesses da nação.	Ciências Políticas	Infopédia, Merriam Webster, Cambridge
misogyny (s.)	misoginia (s.f.)	“Horror ou aversão à mulher; aversão patológica dos homens ao contacto sexual com mulheres.”	Sociologia	Infopédia
mystique (s.)	mística (s.f.)	Algo que é misterioso e/ou que é impressionante para quem não tem qualquer conhecimento sobre a matéria.		Priberam, Oxford, Merriam Webster
oppression (s.)	opressão (s.f.)	Domínio ou exercício de autoridade sobre outros com recurso à força ou à violência.	Sociologia	Oxford, Merriam Webster, Infopédia
parenting (s.)	parentalidade (s.f.)	Processo de criação das crianças e todas as responsabilidades que este processo exige, por parte dos pais, quer sejam biológicos ou não.	Ciências Sociais	Merriam Webster, Oxford, the Free

⁷ Traduzido por mim, para efeito deste glossário.

				Dictionary Encyclopedia
patriarchy (s.)	patriarcado (s.m.)	Organização social na qual o homem tem o controlo sobre a vida familiar, a vida social, etc.; sistema no qual o homem é o principal recipiente de transmissão de património.	Sociologia, Antropologia	Infopédia, Cambridge
phallocentrism (s.)	falocentrismo (s.m.)	“Visão ou forma de pensamento que defende uma superioridade masculina.”	Filosofia	Priberam
political solidarity (s.)	solidariedade política (s.f.)	Apoio dado a uma determinada causa política e/ou partido político, e responsabilidade pela luta pelos ideais dessa causa.	Sociologia	Infopédia, Scholz (2008)
power (s.)	poder (s.m.)	Capacidade de exercer controlo e autoridade sobre outros; “força ou influência” ⁸	Sociologia	Cambridge, Oxford, Priberam
race (s.)	raça (s.f.)	Crença na divisão dos seres humanos tendo por base os traços físicos hereditários, como cor da pele, tipo de cabelo, etc.	Antropologia, Sociologia	Merriam Webster, Infopédia, Priberam
racism (s.)	racismo (s.m.)	Crença na existência de uma divisão racial da humanidade, baseada nos traços físicos hereditários, como, por exemplo, a cor da pele, o cabelo, as crenças, etc.; discriminação e preconceitos de uma raça que se baseiam da crença da superioridade de uma raça sobre a outra.	Sociologia	Infopédia, Cambridge, Priberam
radical feminism (s.p.)	feminismo radical (s.m.)	Uma das partes integrantes do movimento feminista que, ao contrário do feminismo liberal, defende que a sociedade é formada pelos grupos. Não é suficiente um indivíduo mudar a sua opinião e agir de maneira diferente, toda a sociedade tem de mudar a sua estrutura. Tem como lema “o pessoal é político”, pois defende que nada está afastado da sociedade. Apela à libertação das mulheres.	Sociologia, Ciências Políticas	Rossi (2017)

⁸ Traduzido por mim, para efeito deste glossário.

ruling class (s.)	classe dominante (s.f.)	Classe social que, segundo a definição marxista, detém o controlo económico e político da sociedade, dentro da sociedade capitalista, devido à sua riqueza e poder.	Sociologia	Wikipédia
scholarship (s.)	estudo académico (s.m.)	Estudo académico aprofundado de uma determinada área.	Educação	Merriam Webster, Cambridge.
self-concept (s.)	autoconceito (s.m.)	A imagem mental e as considerações que um indivíduo tem de si próprio.	Psicologia	Merriam Webster, Infopédia
self-determination (s.)	autodeterminação (s.f.)	Capacidade ou poder que um indivíduo tem de decidir por si mesmo e de controlar a sua própria vida.	Psicologia	Priberam, Cambridge, Collins Dictionary
separatism (s.)	separatismo (s.m.)	Teoria ou movimento político defendida por um determinado grupo que quer a independência do Estado, formando outro Governo independente e vivendo à parte do resto da sociedade. O feminismo separatista é um subtipo do feminismo radical que defende que as diferenças entre homens e mulheres não têm solução e acreditam que os homens nunca poderão contribuir positivamente para o movimento feminista.	Ciências políticas	Cambridge, Infopédia
sexism (s.)	sexismo (s.m.)	Discriminação e preconceitos que se baseiam na crença de “superioridade de um sexo sobre o outro (geralmente o sexo masculino sobre o feminino).”	Sociologia	Infopédia, Merriam Webster, Reverso Dictionary
sexist domination (s.)	domínio sexista (s.m.)	Exercício de controlo, poder e/ou autoridade sobre outros, geralmente baseado na crença de superioridade de um sexo.	Sociologia	Oxford, Merriam Webster, Reverso Dictionary

sexist exploitation (s.)	exploração sexista (s.f.)	“(…) tratar alguém de forma desleal a fim de beneficiar do seu trabalho.” ⁹ Neste caso, exploração tendo em conta o género, sobretudo exploração das mulheres.	Sociologia	Oxford
sexist oppression (s.)	opressão sexista (s.f.)	Opressão com base no sexismo (ver definição acima).	Sociologia	
shared victimization (s.)	vitimização partilhada (s.f.)	Crença de que ser mulher é sinónimo de ser vítima e que todas as mulheres se devem unir tendo por base esta ideologia.	Sociologia	
sisterhood (s.)	sororidade (s.f.)	Laço de solidariedade entre mulheres tendo por base a partilha de experiências, preocupações, etc.; conjunto de mulheres envolvidas na luta pela igualdade de direitos.	Sociologia	Cambridge, Merriam Webster
social equality (s.)	igualdade social (s.f.)	Situação na qual indivíduos de todas as classes são tratadas da mesma forma.	Sociologia	Eur.lex, Cambridge
socialization (s.)	socialização (s.f.)	O processo de aprendizagem dos determinados padrões considerados aceitáveis pela sociedade e por outros dentro do mesmo grupo social.	Sociologia	Collins, Oxford
social status (s.)	estatuto social (s.m.)	“Designa a posição que um indivíduo ou grupo ocupa num dado sistema social” relativamente a outros indivíduos de outras posições.	Sociologia	Infopédia, Oxford
white supremacy (s.)	supremacia branca (s.f.)	Crença na superioridade das pessoas de cor de pele branca relativamente a pessoas de cores de pele diferentes.	Sociologia, Política	Cambridge, Linguee

⁹ Traduzido por mim, para efeito deste glossário.

womanhood (s.)	condição partilhada de mulher	Condição de ser uma mulher; todas as mulheres coletivamente consideradas um grupo.	Antropologia	Cambridge, Merriam Webster, Oxford
woman power (s.)	poder da mulher (s.m.)	“Poder ou autoridade exercida pelas mulheres; (...) uma atitude autossuficiente entre as mulheres que se manifesta através de ambição, determinação e individualismo”. ¹⁰	Sociologia	Oxford
women’s studies (s.)	estudos sobre as mulheres	“[...] área de estudos académicos que recorre a métodos feministas e interdisciplinares de modo a colocar a vida e as experiências das mulheres no centro do estudo, ao mesmo tempo que analisa a construção social e cultural do género; sistemas de privilégio e opressão; e as relações entre poder e género, à medida que se cruzam com outras identidades e localizações sociais como, por exemplo, raça, orientação sexual, classe socioeconómica e deficiência.”	Educação	Wikipédia
workforce (s.)	força de trabalho (s.f.)	Grupo de pessoas que participa num determinado trabalho, geralmente numa indústria.	Economia, Sociologia	Merriam Webster, Oxford
working-class (s.)	classe trabalhadora (s.f.)	Classe social, cujos membros geralmente realizam trabalho manual e que recebem um salário pequeno unicamente pelas horas ou dias que trabalham.	Sociologia	Cambridge, Oxford, Wikipédia

¹⁰ Traduzido por mim, para efeito deste glossário.

Abreviaturas	
Português	
adj.	Adjetivo
s.f.	Substantivo feminino
s.m.	Substantivo masculino
s.n.	Sintagma nominal
s.p.	Substantivo no plural

Tabela 7 – Lista de abreviaturas utilizadas no glossário.